

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA HEBRAICA,**  
**LITERATURA E CULTURA JUDAICAS**

**Daniel Vieira Soares de Oliveira**

**O HEBRAICO ISRAELIANO E O TEXTO DE OSEIAS**

**VERSÃO CORRIGIDA**

**São Paulo**

**2011**



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA HEBRAICA,**  
**LITERATURA E CULTURA JUDAICAS**

**O HEBRAICO ISRAELIANO E O TEXTO DE OSEIAS**

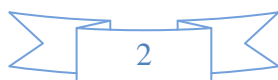
**Daniel Vieira Soares de Oliveira**

Dissertação apresentada ao Departamento de Línguas Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas.

**Orientador: Prof. Dr. Reginaldo Gomes de Araújo**

**São Paulo**

**2011**



**AOS MEUS PAIS,  
JOÃO E MARIA.**

## **AGRADECIMENTOS**

**Ao prof. Dr. Reginaldo Gomes de Araújo, meu orientador, pela orientação e paciência, e à profa. Dra. Eliana Rosa Langer, pelo apoio e contribuições.**

<b>Sumário</b>	
<b>Resumo</b>	7
<b>I - Introdução</b>	8
<b>II – O texto de Oseias</b>	10
A - A situação problemática do texto	10
1. Ponto de partida	10
2. Comparação com outros livros e Jó	12
3. Da crítica textual ao texto adequado ao leigo	13
4. Qual é exatamente a raiz dos problemas em Oseias?	14
5. Oseias e as versões antigas, principalmente a Septuaginta (LXX)	16
6. O valor das emendas	17
7. O valor do Texto Massorético	20
B — Estratégias de solução	23
1. Método das emendas ao texto.	23
2. Método da repontuação/redivisão.	24
3. Recurso a novos conhecimentos de hebraico e outras línguas semíticas.	24
4. Teoria do dialeto nortista.	24
<b>III - Dialeto Nortista do Hebraico (Hebraico Israeliano)</b>	26
1. Introdução	26
2. Três fontes de variação da língua	31
3. Hebraico israeliano	39
4. Metodologia de reconstrução/identificação do hebraico israeliano	43
5. Elementos concretos diferenciadores	47
6. Conclusão	50
<b>IV - Estudo de casos selecionados</b>	52
1 Oseias 2.14(12)	53
2 Oseias 4.18	57
3 Oseias 5.13	60
4 Oseias 6.9	63

5	Oseias 7.5	66
6	Oseias 7.14	69
7	Oseias 7.16	72
8	Oseias 8.13	75
9	Oseias 10.9	80
10	Oseias 13.1	83
<b>V – Conclusão</b>		87
<b>VI – Bibliografia</b>		89

## **Resumo**

O objetivo desta pesquisa é tentar contribuir para a definição do melhor método de solução dos difíceis problemas críticos-textuais que o livro de Oseias apresenta testando uma das estratégias mais recentes, a teoria da existência de um dialeto específico, o “hebraico israeliano”, supostamente presente no livro. Indiretamente, busca-se também fazer avançar o conhecimento do hebraico do século VIII a.C., ao se estudar tanto a existência quanto a contribuição específica do dialeto mencionado à ciência da crítica textual.

Palavras-chaves: Hebraico israeliano, linguística, profetas, crítica textual, Oseias.

## **Abstract**

The goal of this research is to contribute with the discovery of the best method of solving difficult critical textual problems in the book of Hosea through a test of one of the latest strategies, the theory of the existence of a specific dialect, the “Israeli Hebrew”, supposedly present in the book. Indirectly, it also seeks to advance our knowledge of the Hebrew language of the eighth century BC, when studying both existence and specific contribution of the dialect referred to the science of textual criticism.

Keywords: Israeli Hebrew, linguistics, prophets, textual criticism, Hosea.

## I - Introdução

Desde a antiguidade se reconhecem os difíceis problemas de tradução e de interpretação do livro do profeta Oseias. Uma comparação não só das versões antigas mas também das modernas, tanto cristãs quanto judaicas, deixa claro que existem dúvidas em muitos pontos. Na busca de soluções cientificamente fundamentadas, uma série de perspectivas e métodos têm sido usados com resultados parciais.

A literatura sobre Oseias ainda discute questões, por exemplo, da certeza da existência de um dialeto do Norte em Oseias, da real contribuição dos manuscritos do mar Morto e da LXX para solução de problemas de crítica textual em Oseias etc. Para cada uma das passagens problemáticas, as tentativas de solução vão desde a desconsideração plena do Texto Massorético, que é alterado por inúmeras emendas, até a adesão total a este texto, que é nesse caso repontuado/redividido.

Os avanços no conhecimento do hebraico, de linguística e das línguas semíticas em geral apontam caminhos de solução de problemas que devem ser explorados. Assim, ajudando a preencher uma lacuna na área da pesquisa crítico-textual da Bíblia Hebraica em português, contribuímos para o avanço do conhecimento do hebraico do século VIII a.C., bem como de seus dialetos e da linguagem própria do livro de Oseias.

Serão apresentadas aqui as múltiplas opções de tradução nas versões mais importantes, com destaque para a Septuaginta, versões modernas, como a de João F. de Almeida e a recente *Bíblia Hebraica* em português. Esse passo deve confirmar a posição de Oseias como o texto mais problemático do ponto de vista crítico-textual e expor as diferentes alternativas assumidas para a reconstrução do texto.

Com vistas a situar a pesquisa em seu campo próprio será apresentado um panorama da relação entre crítica textual da Bíblia Hebraica, Texto Massorético, versões bíblicas e os prováveis motivos da situação atual do texto de Oseias. Não se tratará da *mensagem*, *hermenêutica* nem *exegese* desse livro bíblico, mas exclusivamente de seu *texto* como chegou até nós.



Em seguida, estudaremos a questão de base, que é a da própria existência do dialeto nortista, verificando a tese e os meios pelos quais se estabelece sua presença nos textos.

Depois, passaremos à análise de cada uma das estratégias e de sua contribuição específica, estudando pelo menos dez casos de passagens problemáticas representativas. Esse número visa limitar o material selecionado a um *corpus* viável em uma dissertação de mestrado. O procedimento incluirá coleta de informações na literatura disponível, qual seja, comentários, teses/monografias, dicionários e livros mais importantes dedicados ao tema, aproveitando, mesmo que indiretamente, a contribuição de grandes comentadores judeus.

A pesquisa deve resultar em (a) um quadro mais completo, na medida dos conhecimentos atuais, do hebraico de Oseias, destacando, se houver, suas características dialetais e regionais, e (b) uma base mais sólida para solucionar questões de crítica textual em Oseias pela verificação prática de vantagens e desvantagens das diversas estratégias mencionadas.

## II – O texto de Oseias

“Quem é sábio compreenda isto, quem é inteligente reconheça-o.” Oseias 14.10a.

### A - A situação problemática do texto

#### 1) Ponto de partida

Há total unanimidade entre os estudiosos sobre o caráter problemático do texto de Oseias.<sup>1</sup> O número de interpretações de certos versículos é bastante alto e às vezes há também confissões de ininterpretabilidade.<sup>2</sup>

Em um comentário de Oseias bem recente, J. Andrew Dearman diz que “o texto é visto tradicionalmente como o mais corrompido e pobremente preservado da Bíblia Hebraica”<sup>3</sup>.

A mesma ideia se acha em um texto bem antigo, conforme informa o próprio Dearman, escrito por Jerônimo, “o maior estudioso bíblico cristão de seus dias, que começou seu comentário com as seguintes palavras: ‘Se na interpretação de todos os profetas precisamos da ajuda do Espírito Santo [...] quanto mais na interpretação de Oseias [...] já que o próprio autor escreveu no final de seu livro: ‘Quem é sábio

---

<sup>1</sup> Por exemplo: “Os problemas textuais em Oseias são praticamente sem paralelo no Antigo Testamento.” Net Bible, *Introduction to Hosea*; “o texto de Oseias compete com o de Jó pela distinção de conter mais passagens ininteligíveis que qualquer outro livro da Bíblia Hebraica. [...] o texto está cheio de dificuldades”, Andersen e Freedman, *Hosea* p. 66; “com a possível exceção do livro de Jó, nenhum outro livro do Antigo Testamento contém uma proporção tão alta de problemas textuais quanto Oseias”, Stuart, *Hosea-Jonah*, 13; “O texto hebraico de Oseias é provavelmente o mais corrompido que o de qualquer outro do Antigo Testamento”, Harrison, *Introduction to the Old Testament*, p. 872; “O texto de Oseias é um dos mais difíceis no corpus profético”, McComiskey, *Hosea*, p. 4; etc.

<sup>2</sup> Sobre Oseias 4—14, diz Pfeiffer, *Introduction*, p. 570: “a transmissão textual extremamente deficiente desses capítulos e a grande quantidade de material interpolado que eles contêm obscurece os pensamentos do próprio Oseias...”.

<sup>3</sup> Dearman, *The Book of Hosea*, p. 9. Publicado em 2010.

compreenda isto, quem é inteligente reconheça-o' dando assim uma indicação precisa da obscuridade do livro.' ”<sup>4</sup>

R. de Vaux, na introdução ao livro de Oseias na Bíblia de Jerusalém, faz eco ao comentário de Jerônimo esclarecendo que “o versículo final é a reflexão de um sábio da época exílica ou pós-exílica sobre o ensinamento principal do livro e sobre sua profundidade”<sup>5</sup>.

Entre esses extremos de datas, o texto de Oseias tem sido tratado com muito cuidado no sentido de não haver precipitação na tradução ou interpretação, pois muitas vezes, como veremos, não se tem certeza do texto de base. Como afirmam Schökel e Sicre Diaz, “O livro de Oseias é em geral bastante difícil de entender. Em parte pelo fato de o texto hebraico se encontrar muito mal conservado, e numerosas frases só poderem ser traduzidas baseando-se em meras hipóteses.”<sup>6</sup>

Como se depreende dessas citações, as divergências entre tradutores e intérpretes também são muitas quanto à real situação do texto, mesmo pressuposto o consenso de que a tarefa de reconstruí-lo não é fácil. Por exemplo, os dois pontos levantados por Schökel e Sicre Diaz, da má conservação e do caráter hipotético da tradução, são atenuados por alguns eruditos, tais como Dearman, que pensa que “Não é que o texto seja desesperadamente corrompido — longe disso — mas que toda tradução de Oseias tem graus de certeza e incerteza dependendo da passagem em questão”<sup>7</sup>, e A. Gelin, que afirma que “no conjunto, o texto está bastante corrompido, mas é preciso levar em conta as particularidades dialetais que nele devem ser identificadas”.<sup>8</sup>

Essa última opinião é muito importante porque é de 1959, quando a tese da existência do hebraico israeliano ainda não era aplicada ao texto como se faz hoje e nesta dissertação. Ao mesmo tempo em que o texto é percebido como corrompido, sugere-se a hipótese de que talvez haja exagero nessa avaliação.

---

<sup>4</sup> Dearman, *The Book of Hosea*, p. 10. Jerônimo viveu de c. 347 a 420 d.C.

<sup>5</sup> Bíblia de Jerusalém, p. 1247.

<sup>6</sup> L. Alonso Schökel e J. L. Sicre Diaz, *Profetas II*, p. 892.

<sup>7</sup> Dearman, *The Book of Hosea*, p. 9.

<sup>8</sup> *Introduction a la Bible*, p. 494.

## 2) Comparação com outros livros e Jó

Os critérios externos e internos de crítica textual têm sido aplicados de forma bem sucedida a todo o texto da Bíblia Hebraica já por muito tempo e uma comparação de Oseias com o restante da literatura bíblica surge naturalmente.

O consenso pode ser visto nas palavras de R. de Vaux, quando diz que “a dificuldade de interpretar a obra torna-se maior, para nós, devido ao estado deplorável do texto hebraico, que é um dos mais corrompidos do Antigo Testamento”<sup>9</sup>.

Note-se que de Vaux diz “para nós”, o que sem dúvida é verdade, pois só a distancia temporal, devido à mudança linguística resultante, já põe problemas muitas vezes insolúveis. Mas, como pensam alguns, desde sempre Oseias causou dúvidas e temores de erro de tradução ou interpretação. McComiskey informa que “o estudo do texto de Oseias leva a concluir que o *vorlage*<sup>10</sup> do Oseias da LXX é essencialmente o do Texto Massorético<sup>11</sup>. Fica aparente para o leitor de ambas as tradições que os tradutores da versão grega enfrentaram os mesmos problemas no texto de Oseias que nós modernos enfrentamos.”<sup>12</sup>

Mesmo que esteja correta a observação de Hubbard de que “os escribas que o preservaram devem tê-lo entendido com muito mais facilidade do que nós. Caso contrário, ficariam profundamente tentados a alterá-lo”<sup>13</sup>, “o Texto Massorético de Oseias parece ter sofrido mais nos séculos de transmissão que o da maioria dos outros livros”.<sup>14</sup>

A comparação com outros livros repetidamente destaca que, depois de Oseias, encontramos o texto de Jó como o mais problemático. A tradução bíblica em língua inglesa conhecida como Revised Standard Version, por exemplo, aponta em Oseias (que

---

<sup>9</sup> *Bíblia de Jerusalém*, p. 1247.

<sup>10</sup> “Termo técnico de origem alemã usado pela crítica textual para indicar a fonte original de alguma versão bíblica clássica. Por exemplo, o *Vorlage* hebraico da LXX, etc.”, cf. Francisco, *Manual*, p. 649.

<sup>11</sup> “Forma final do texto da Bíblia Hebraica. [...] É a recensão tradicional, oficial, estabelecida e padrão da Bíblia Hebraica desde a época dos massoretas”, cf. Francisco, *Manual*, p. 646.

<sup>12</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 4.

<sup>13</sup> Hubbard, *Oseias*, p. 35,36

<sup>14</sup> Dearman, *The Book of Hosea*, p. 9,10.

tem 197 versículos) quase três vezes mais dificuldades, incertezas ou propostas de mudanças do que em Joel e Amós juntos (219 versículos).”<sup>15</sup>

### 3) Da crítica textual ao texto adequado ao leigo

Sendo assim, “as traduções modernas navegam entre o Texto Massorético, várias versões antigas, semítica comparativa bem como as propostas de intérpretes mais antigos para emendas, em busca de coerência para os leitores.”<sup>16</sup>

Especificamente quanto a Oseias, uma importante tradução inglesa recente, a Net Bible, reconheceu o caráter provisório de seu trabalho devido ao alto grau de dificuldade de muitos problemas textuais nesse livro declarando que “a presente tradução de Oseias deve necessariamente ser vista como preliminar. Mais trabalho sobre o texto e tradução de Oseias é necessário.”<sup>17</sup>

Garrett observa que “o leitor médio ficaria surpreso se soubesse quanto de uma dada tradução de Oseias é baseado em emendas, principalmente porque algumas traduções não indicam as emendas nas notas”<sup>18</sup> ao contrário, por exemplo, da Bíblia de Jerusalém<sup>19</sup>. Essas notas textuais são uma tentativa de documentar, servindo também de justificação para, as “amplas variações nas traduções [que] frequentemente surgem onde estudiosos têm recorrido à emenda conjectural quando as versões se mostraram inadequadas para a reconstrução do texto.”<sup>20</sup>

“Reconstrução”, “restauração” e palavras semelhantes são comuns nesse esforço de se chegar ao texto original. As versões em português, como nas principais línguas para as quais a Bíblia é traduzida direto do texto original, “adotam (ocasional ou

---

<sup>15</sup> Hubbard, *Oséias*, p. 35,36

<sup>16</sup> Dearman, *The Book of Hosea*, p. 9,10.

<sup>17</sup> Net Bible, *Introduction to Hosea*.

<sup>18</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 26,27.

<sup>19</sup> Por exemplo, p. 1585, nota *f*; p. 1586, nota *b*; p. 1588, nota *h* etc.

<sup>20</sup> Harrison, *Introduction to the Old Testament*, p. 872,3.

frequentemente) variantes textuais refletidas nas versões e ocasionalmente adotam emendas conjecturais propostas na BHK<sup>21</sup> e BHS<sup>22</sup>.<sup>23</sup>

#### 4) Qual é exatamente a causa dos problemas em Oseias?

Estabelecido o fato de que Oseias é o livro mais problemático do Antigo Testamento<sup>24</sup> quanto à crítica textual<sup>25</sup>, pode-se ver na literatura especializada um grande número de hipóteses sobre a razão disso.

As palavras “corrupção”, “corrompido” não são muito adequadas pois implicam juízo de valor, mas são muito comuns e eram ainda mais usadas em períodos anteriores da pesquisa.

Conforme afirmam Andersen e Freedman, “as dificuldades do texto de Oseias foram universalmente reconhecidas por eruditos do passado. Essa situação eles atribuíram a uma extensa corrupção devida à longa história de transmissão.”<sup>26</sup> Mike Butterworth entende que o texto “parece ter sofrido muito durante o processo em que foi copiado por várias gerações de escribas.”<sup>27</sup> E Peter F. Ellis vai na mesma linha quando diz que “o livro de Oseias é de difícil leitura, isso devido à má conservação do texto”.<sup>28</sup>

---

<sup>21</sup> BHK, Bíblia Hebraica (de Kittel), a terceira, elaborada entre 1929 e 1937, das edições críticas, isto é, contendo um aparato de variantes textuais, da Bíblia hebraica publicadas na Alemanha pelo erudito alemão Rudolf Kittel com a colaboração de vários estudiosos da área de Antigo Testamento.

<sup>22</sup> BHS, Bíblia Hebraica Stuttgartensia, a quarta das edições críticas da Bíblia hebraica mencionadas na nota anterior, organizada entre 1967 e 1977. Esta edição será a base do nosso estudo de casos de problemas textuais em Oseias.

<sup>23</sup> Net Bible, *Introduction to Hosea*.

<sup>24</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 26, “Oseias possui possivelmente o hebraico mais difícil da Bíblia”, ele “contém um grande número de palavras raras ou obscuras”.

<sup>25</sup> Macintosh (*Hosea*, p. 585-593) lista 85 palavras ou expressões em Oseias que ou têm raízes bem conhecidas mas mostram alguma peculiaridade morfológica, fonológica ou gramatical; ou têm raízes bem conhecidas mas apresentam significado diferente do hebraico bíblico padrão; ou que são raras (muitas vezes *hapax legomena*) cujo significado só pode ser estabelecido com recurso às línguas cognatas; ou são aramaísmos ou possíveis aramaísmos.

<sup>26</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 66,67.

<sup>27</sup> Butterworth, *Oseias in Comentário Bíblico Vida Nova*. p. 1150.

<sup>28</sup> Ellis, *Mensagem*, p. 199.

Há uma variação em tempos mais recentes, uma atenuação na medida em que são aventadas novas hipóteses como explicação do estado do texto.<sup>29</sup>

Dearman relata essas incertezas atuais, e a cautela que revela o progressivo abandono do velho paradigma e o movimento em direção a um novo. Ele diz que os “intérpretes divergem muito sobre se se deve considerar uma característica no livro como corrupção ou anomalia”.<sup>30</sup> O uso da palavra “anomalia” abre espaço para explicações baseadas em diferenças dialetais, entre outras, que não remetem necessariamente a uma deterioração textual.

A nova perspectiva aparece claramente no comentário de Polkinghorne, para quem “o fato de que Oseias é o único nativo do Reino do Norte cujos escritos chegaram até nós sugere que variações dialetais no vocabulário e na sintaxe podem estar por trás de alguns de seus problemas.”<sup>31</sup> É lembrado aqui o fato importantíssimo da diferença geográfica, que acarreta muito facilmente uma diferença dialetal, principalmente em tempos de inexistência de uma gramática hebraica normativa.

Stuart acredita que “em sua forma original, Oseias deve ter refletido práticas ortográficas tipicamente israelitas<sup>32</sup> [...] de proveniência nortista; copistas teriam tido menos cuidado com ele do que com os textos dos profetas de Judá”.<sup>33</sup>

Vê-se, assim, como também será destacado mais tarde, uma tendência a primeiro aceitar o texto estudando-o por mais ângulos e depois especular sobre os motivos de seu estado. É por essa via que, mesmo recorrendo a um conjunto de métodos de reconstrução, Hubbard conclui que “provavelmente, qualquer problema deve-se mais às limitações de nosso conhecimento do que a uma pretensa ‘corrupção do texto’”.<sup>34</sup>

---

<sup>29</sup> O que não significa que uma linha interparadigmas possa ser traçada com base puramente na cronologia, do tipo “comentaristas antigos *versus* comentaristas novos”. A questão não é tão simples e envolve a perspectiva filosófica e teológica de cada um. Mas dificilmente hoje em dia se encontrarão adeptos de uma postura tão radical como a de William Rainey Harper, em seu comentário de Oseias, que veremos a seguir.

<sup>30</sup> Dearman. *The Book of Hosea*, p. 9,10.

<sup>31</sup> Polkinghorne, *Oseias in Comentário Bíblico NVI*. p. 1209.

<sup>32</sup> Ou “israelianas”, em oposição a judaítas, isto é, do Reino de Judá.

<sup>33</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, p. 13.

<sup>34</sup> Hubbard, *Oséias*, p. 35,36.

## 5) Oseias e as versões antigas, principalmente a Septuaginta (LXX)

Uma verificação das edições críticas do Texto Massorético revela que seu aparato textual<sup>35</sup> “contém muitas propostas de emendas baseadas nas antigas versões (em grego, siríaco, latim, aramaico) que frequentemente parecem ser leituras superiores às preservadas no Texto Massorético.”<sup>36</sup> Desde o século III a.C., versões da Bíblia Hebraica estão disponíveis e são utilizadas para resolver problemas surgidos em sua tradução e interpretação. Dentre essas, tem enorme importância a tradução grega, em suas várias recensões, conhecida como Septuaginta<sup>37</sup>, ou “Setenta”, daí a sigla “LXX”. De fato, afirma-se até que “em muitos lugares, o texto pode ser restaurado somente com a ajuda da LXX e outras versões, e algumas vezes somente por conjectura.”<sup>38</sup>

Harrison informa, especificamente quanto a Oseias, que “a LXX e as versões foram, aparentemente, feitas de um texto hebraico que tinha estreitas afinidades com o Texto Massorético” e que “a maior assistência na tarefa de restaurar o texto é fornecida pela LXX, que tem ocasionalmente preservado leituras superiores (2.20; 5.15; 8.10; 10.10) bem como frases e orações adicionais (2.14; 8.13; 13.13).”<sup>39</sup>

Os estudos nesse campo continuam intensos, e de fato é possível chegar muito perto da certeza quanto à forma antiga do texto, por exemplo, pode-se dizer que “a partir de diferenças evidentes na vocalização do hebraico, parece que o manuscrito

---

<sup>35</sup> As edições críticas são providas de um “aparato textual” ou “aparato crítico”, isto é, um bloco de texto no rodapé das páginas que fornece dados sobre leituras variantes ou alternativas encontradas nos manuscritos e nas antigas versões bíblicas. Geralmente, mas nem sempre, apresentam também conjecturas e emendas textuais propostas por seus editores. Cf. Francisco, *Manual*, p. 613.

<sup>36</sup> Net Bible, *Introduction to Hosea*.

<sup>37</sup> “Versão grega do texto bíblico que surgiu a partir do século III a.C. até o século I a.C. ou até I d.C., em Alexandria, no Egito, sendo produzida pela própria comunidade judaica da cidade [...] Foi utilizada até o século II pelo judaísmo de fala grega.” Francisco, *Manual*, p. 642.

<sup>38</sup> Flanders, Crapps, Smith, *People*, p. 312. Uma opinião disseminada é a de que “A tradição textual e qualidade de tradução da LXX e as antigas recensões gregas (Áquila, Símaco, Teodociano) são mistas; em alguns lugares são inferiores ao Texto Massorético mas em outros lugares preservam uma leitura melhor.” Cf. Net Bible, *Introduction to Hosea*.

<sup>39</sup> Harrison, *Introduction to the Old Testament*, p. 872,3



empregado pelos tradutores da LXX não continha certas letras vocálicas ou *matres-lectionis* (“mães de leitura”)<sup>40</sup>, principalmente ך e ם.”<sup>41</sup>

Harper julga em cerca de 40 passagens que o texto da LXX é preferível ao Texto Massorético e daí o corrige com base nela.<sup>42</sup> Stuart considera que a “Septuaginta de Oseias é uma tradução bastante literal e não expandida do texto consonantal” acrescentando que “frequentemente o texto consonantal massorético se mostra largamente correto, e precisa somente ser revocalizado com base na evidência da septuaginta”<sup>43</sup>

Em geral, há consenso sobre a utilidade desse procedimento<sup>44</sup>, e isso leva a verificar o valor do procedimento de emendação em si.

## 6) O valor das emendas

O recurso às emendas ao texto recebido pode passar de herói a vilão, dependendo da época<sup>45</sup> ou orientação filosófica e teológica. Existe uma clara tensão entre manter o Texto Massorético a todo custo e uma atitude de rejeitá-lo facilmente sempre que parecer haver um motivo, por menor que seja.<sup>46</sup> Como vimos, pode-se detectar uma mudança gradual de atitude,<sup>47</sup> mas persiste a tensão.

A objetividade, assim como a neutralidade científica, por fugidias que sejam, devem ser buscadas na medida do possível. Por isso é preciso reconhecer, de partida,

---

<sup>40</sup> Isto é, “auxiliares de leitura”. Método elaborado pelos antigos escribas judeus no período do Segundo templo para facilitar a leitura pela introdução de letras selecionadas para representarem vogais num texto puramente consonantal. Cf. Francisco, *Manual*, p. 631.

<sup>41</sup> Harrison, *Introduction to the Old Testament*, p. 872,3

<sup>42</sup> *Apud* Macintosh, *Hosea*, p. lxxiv.

<sup>43</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, p. 13.

<sup>44</sup> Cf. Andersen e Freedman, *Hosea* 66,7; Garrett, *Hosea, Joel*, p. 26. etc.

<sup>45</sup> Andersen e Freedman, *Hosea* p. 66: “foi a tarefa aceita da erudição em gerações anteriores resolver tantos desses problemas quando possível por reparar os textos danificados”.

<sup>46</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 26: “a dificuldade do hebraico de Oseias é naturalmente um terreno convidativo para aqueles que desejam invadi-lo com um arsenal de técnicas de emenda”.

<sup>47</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 26. “poucos eruditos, hoje, sentem-se livres para rearranjar, deletar e modificar Oseias à vontade”.

que “o estado do texto é um problema real, pois Oseias parece ter sofrido mais corrupção<sup>48</sup> na transmissão do que qualquer outro livro do Antigo Testamento.”<sup>49</sup>

Como exemplo de um esforço extremo de reconstrução do texto temos o comentário de Harper<sup>50</sup>.

Ele explica que a reputação de Oseias de ser obscuro é devida em grande medida à forma corrompida em que o texto de sua mensagem chegou até nós.<sup>51</sup> Daí, em grande parte baseando-se na obra de autores anteriores, ele recorreu à conjectura crítica para restaurar o texto. Harper julgou que os enganos no Texto Massorético surgiram de:

- a- 33 mudanças na pontuação.
- b- 8 casos de divisão incorreta de palavras.
- c- 17 casos de ditografia<sup>52</sup> e haplografia<sup>53</sup>.
- d- 21 casos de confusão de várias letras.
- e- 6 casos de transposição de letras.
- f- 5 casos de inserção ou omissão de álef.
- g- 5 casos de confusão de sufixos.
- h- 7 casos de omissão ou inserção da cópula.
- i- 2 casos de alteração teológica.
- j- 38 casos de corrupções variadas.<sup>54</sup>

Essa perspectiva mais radical é, como vimos, um pouco ultrapassada,<sup>55</sup> mas os comentários especializados deixam claro que “em numerosos casos, as leituras do Texto

---

<sup>48</sup> Lembrando, é claro, o que vimos a respeito da força negativa dessa palavra acima.

<sup>49</sup> Polkinghorne, *Oseias in Comentário Bíblico NVI*, p. 1209.

<sup>50</sup> Publicado em 1904. Última impressão, 1994.

<sup>51</sup> Harper, *Amos and Hosea*, p. clxxiii f.

<sup>52</sup> Ditografia “é um erro de cópia resultado de repetição acidental de letras, sílabas, de palavras ou de frase em um determinado documento”. Cf. Francisco, *Manual*, p. 621.

<sup>53</sup> Haplografia “é um erro de cópia resultante de uma omissão acidental de letras, sílabas, de palavras ou de frase em um determinado documento”. Cf. Francisco, *Manual*, p. 625.

<sup>54</sup> Harper, *Amos and Hosea*, p. clxxvi e clxxvii e Macintosh, *Hosea*, p. lxxiv.

<sup>55</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 26: “eruditos de uma geração anterior acreditavam que o texto tinha sido severamente corrompido e estavam sublimemente confiantes em sua habilidade de recuperá-lo.”

Massorético são tão difíceis morfológica, sintática e contextualmente que emendas conjecturais são necessárias para dar sentido ao texto”.<sup>56</sup>

Uma comparação de Harper e Macintosh é bastante esclarecedora da mudança de ares quanto à restauração do texto pelo fato de serem dois comentários de uma mesma série de comentários altamente técnicos (ICC – The International Critical Commentary) publicados originalmente com cerca de um século de distância um do outro.

Macintosh deixa claro que reduz muito as propostas de emenda, considerando-se Harper. Em resumo, ele propõe 4 emendas consonantais (4.4; 8.13; 11.3; 11.11), adota 3 leituras de manuscritos (2.8 heb.; 4.6; 7.14), e faz 7 correções de pontuação (4.4; 5.2; 7.14; 8.10,12; 12.5 heb.) etc.<sup>57</sup>

Segundo o próprio Macintosh, essa redução drástica de emendas em comentários de uma mesma série ocorre porque:

- a- Há uma maior relutância da erudição contemporânea em recorrer à emenda com base no que é frequentemente arbitrário e subjetivo em caráter.
- b- (principalmente) O reconhecimento de que o vocabulário de Oseias é dialetal e não pode ser tratado como se fosse hebraico bíblico padrão.
- c- A ideia de que as versões antigas de Oseias eram, no principal, confrontadas com um texto hebraico que diferia pouco de nosso texto recebido e que os ouvidos dos tradutores, sintonizados mais ou menos com o hebraico bíblico padrão, não parecem ter sido sintonizados com a língua e vocabulário específicos de Oseias.
- d- A identificação de um número de glosas antigas no texto que, não identificadas, levaram muitos estudiosos a supor que o texto estava corrompido nessas passagens.<sup>58</sup>

Garrett, depois de contrariar a crença mais antiga da extrema corrupção do texto, reconhece que “por outro lado, algumas emendas podem ser necessárias”, pois, “as

---

<sup>56</sup> Net Bible, *Introduction to Hosea*.

<sup>57</sup> Macintosh, *Hosea*, p. lxxiv.

<sup>58</sup> Macintosh, *Hosea*, p. lxxv.

versões e manuscritos contêm divergência bastante para nos convencer de que pelo menos algumas passagens sofreram na transmissão. Em alguns poucos textos as emendas se recomendam tão obviamente ou têm tal suporte de manuscritos ou versões que um apego inflexível à tradição massorética é irracional.”<sup>59</sup>

Essa conclusão nos remete à importância de se estabelecer a correta posição que o Texto Massorético deve ocupar nesse empreendimento.

## 7) O valor do Texto Massorético

Mesmo que o consenso erudito atual ainda seja de que “o Texto Massorético representado pelo Códice de Leningrado (c. 1008 d.C.), que serviu de base para ambas BHK e BHS, e o Códice de Alepo (c. 952 d.C.), como dizem Andersen e Freedman, “é corrompido e defectivo”<sup>60</sup>, há muito que se dizer em favor do Texto Massorético, pois, como observa Hubbard, referindo-se ao texto de Oseias, só “o fato de o texto ter sobrevivido, cercado daquilo que chamamos de dificuldades, é em si mesmo um notável testemunho de sua qualidade.”<sup>61</sup>

Outra consideração importante é que, por mais que uma conjectura pareça adequada, ela é, do ponto de vista de preservação do texto, só um mal necessário. Pois, “quanto mais emendas tanto menos pode-se reivindicar estar interpretando o livro de Oseias”.<sup>62</sup> Esse, sem dúvida, é um problema real. Abandonar o texto, por problemático que seja, pode resultar em um chão menos firme do que o esperado, inclusive porque “muitas emendas propostas nunca alcançaram consenso.”<sup>63</sup>

Como McComiskey observa, as tentativas de resolver as dificuldades textuais por meio de extensa emendação ou por metodologias redacionais, frequentemente, levam só a conjecturas porque carecem de controles objetivos<sup>64</sup>. Nesses casos, “fica-se então dependente da imaginação/criatividade do erudito. Um texto muito emendado não

---

<sup>59</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 26,27.

<sup>60</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 66,67.

<sup>61</sup> Hubbard, *Oseias*, p. 35,36.

<sup>62</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 26,27.

<sup>63</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 26.

<sup>64</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 4.

é o texto de Oseias de forma alguma mas na verdade um novo livro, a obra de um estudioso (ou de um comitê) que deixou de ser um intérprete e se tornou um redator.<sup>65</sup>

Muito cuidado é necessário para que se tenha sempre em mente nossas limitações resultantes da distância temporal, em muitos casos também espacial, do mundo do autor e redatores finais, além de nossa ainda não negligenciável imperfeição de conhecimento quanto à língua em questão. Descuido nesse ponto impede que entendamos que, muitas vezes, “aquilo que nos choca como defeituoso ou estranho pode ter sido bastante aceitável para o leitor original.”<sup>66</sup>

McComiskey aconselha a que se tente reconstruir o texto só depois de falharmos em entender sua língua/linguagem melhor, ou em tentar compreender o seu dialeto ou estilo peculiar de expressão, pois, “se não entendemos inteiramente a língua em que os pensamentos de um autor antigo acharam forma, não temos o direito de recorrer sem crítica à emenda”.<sup>67</sup>

Além da cautela em função de nosso desconhecimento, há o fato, mencionado por Harrison<sup>68</sup>, de que problemas no texto podem ser puramente acidentais. O reconhecimento desse caráter acidental atenua o aspecto empobrecedor da “corrupção” textual, facilita a recuperação da forma legítima do texto, ajuda a conservar uma visão elevada do texto e facilita também a elaboração de emendas simples em lugar de outras altamente especulativas e engenhosas, como muitas que têm sido apresentadas. Harrison classifica e exemplifica essas ocorrências da seguinte forma:

- a. transposições de consoantes (Os 1.6; 5.2,11; 10.13; 13.10,14),
- b. diferente divisão das letras formando palavras (5.2; 6.3,5; 11.2), e
- c. a confusão ocasional de consoantes similares (2.14; 4.18; 5.8,11; 7.14; 12.2,12; 13.5 etc.).<sup>69</sup>

---

<sup>65</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 26,27.

<sup>66</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 4.

<sup>67</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 4.

<sup>68</sup> Harrison, *Introduction*, p. 872.

<sup>69</sup> *Idem, ibidem*, p. 872.

Uma atitude positiva em relação ao texto, que, como vimos, pode ser limitadora de emendas demasiado elaboradas, ajuda a “seguir o texto consonantal sempre que possível [...] sugerir pontuação alternativa (isto é, mudança de vogais) e dividir as palavras de outra forma. [...]”<sup>70</sup>.

Garrett conclui que a melhor abordagem é tentar ficar com o Texto Massorético, não por alguma noção de que “o texto tenha sido perfeitamente transmitido pelos massoretas mas por um desejo de interpretar o Oseias que nós temos antes que criar um novo Oseias. O Texto Massorético ainda é nosso primário e melhor testemunho do que o profeta realmente escreveu”.<sup>71</sup>

Com isso concorda McComiskey quando afirma que “sem dúvida, a tradição massorética não é sagrada, e o texto consonantal não chegou a nós através dos séculos ileso, mas nós podemos perguntar se o grau a que alguns eruditos alteram o texto não é extremo.”<sup>72</sup>

Nas declarações desses estudiosos são destacados os pontos importantes de objetividade, critérios de controle e valorização da tradição.

Isso não deixa de levar em conta o que dizem Andersen e Freedman quando afirmam que “muitos problemas continuam sem solução, e uma boa parte do conteúdo de Oseias e seu real significado continua fora de alcance”<sup>73</sup>. Butterworth aceita isso e sugere que, estudando Oseias, “basta que simplesmente nos contentemos com uma precisão menor que a desejável”<sup>74</sup>.

## **B — Estratégias de solução**

---

<sup>70</sup> Hubbard, *Oseias*, p. 35,36.

<sup>71</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 26,27.

<sup>72</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 4; ele detecta os principais problemas textuais em 1.6,7; 2.3[2.1]; 4.11,16; 5.8,11,13; 6.5,7; 7.4,12; 8.13; 9.1,13; 10.5,10; 12.1[11.12]; 13.2; 14.3.

<sup>73</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, 66,7.

<sup>74</sup> Butterworth, *Oseias in Comentário Bíblico Vida Nova*, p. 1150.

No capítulo em que estudarmos vários casos de problemas textuais em Oseias, as estratégias esquematizadas abaixo vão ser recorrentes. Nessa ocasião, poderemos ter uma visão mais clara de seu funcionamento na prática.

Podem ser identificadas as seguintes correntes no estabelecimento do texto e solução de problemas textuais por autores representativos:

1. **Método das emendas ao Texto Massorético.** A emenda é uma tentativa de restauração da forma original do texto por meio de acrescentar ou subtrair dele o que se entende tê-lo corrompido, “sempre que o crítico textual suspeita que a leitura original não foi preservada por nenhuma testemunha disponível”<sup>75</sup>. Alguns eruditos, como por exemplo W. R. Harper,<sup>76</sup> julgam que o texto foi extremamente corrompido durante sua história oral.<sup>77</sup> Eles parecem superestimar a história oral que, na opinião de outros, nem mesmo ocorreu.<sup>78</sup>

2. **Método da repontuação e redivisão de palavras do Texto Massorético.** Repontuar ou redividir um texto é propor uma vocalização diferente da encontrada no Texto Massorético, ou, no caso de manuscritos consonantais com

---

<sup>75</sup> McCarter, *Textual Criticism*, p. 74-75 *apud* Brotzman, *Old Testament*, p. 130 nota.

<sup>76</sup> *Amos and Hosea*. ICC. Edimburgo: T&T Clark, 1905. Como vimos ao estudar o valor da emendação, trata-se de um comentário já antigo, mas é tido como o modelo desse tipo de abordagem. Ele teve e tem ainda muitos seguidores, como diz Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 2: “Durante os primeiros três quartos deste século (XX), a maioria dos comentaristas se baseou em emendas textuais para explicar as dificuldades no texto de Oseias”.

<sup>77</sup> Isso tem a ver com a questão da “composição de Oseias”, Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 29. Macintosh (*Hosea*, p. lxxix) é enfático ao afirmar que “não pode haver dúvida que o próprio Oseias foi o autor e compositor” do seu livro.

<sup>78</sup> Macintosh, *Hosea*, p. lxxvi, afirma que “o texto de Oseias do qual o Texto Massorético e as versões antigas testemunham provavelmente alcançou quase a forma em que nós o recebemos durante os tempos pós-exílicos. Quando, porém, essas glosas pós-exílicas são excluídas podemos supor que temos o texto consonantal que deixou a pena dos redatores judaítas. Na medida em que somos capazes de identificar suas contribuições e excluir ou revertê-las, nos aproximamos do texto que chegou em Judá vindo de Efraim.”

escrita semicontínua, uma nova divisão das palavras.<sup>79</sup> Autores como David A. Hubbard<sup>80</sup> entendem que é possível “corrigir” a vocalização feita pelos massoretas e, como manuscritos antigos nem sempre separavam palavras, também dividi-las de forma mais adequada. Eles seguem o texto massorético sempre que possível sugerindo pontuação alternativa e redividindo palavras.<sup>81</sup>

3. **Recurso a novos conhecimentos do hebraico antigo e outras línguas semíticas.** Trata-se de verificar o que os novos estudos gramaticais e linguísticos têm para oferecer à solução de antigas dificuldades e, da mesma forma, em que os novos conhecimentos sobre as línguas semíticas podem ajudar. Estudiosos da linha de F. I. Andersen e D. N. Freedman<sup>82</sup> acreditam que os estudos epigráficos do hebraico e disciplinas relacionadas fornecem novas maneiras de explicar o texto sem ter de emendá-lo.<sup>83</sup> Um maior conhecimento de línguas cognatas vizinhas, especialmente fenício e ugarítico, também ajudaria nessa tarefa.<sup>84</sup>
  
4. **Teoria do “dialeto literário nortista” do profeta.** Um novo caminho que valoriza a forma “problemática” do texto explicando-a em grande parte pela presença de diferenças dialetais em relação ao hebraico bíblico padrão. Como vimos acima, sendo Oseias do Reino do Norte, alguns especialistas, como, por exemplo, A. A. Macintosh<sup>85</sup>, entendem que Oseias fala/escreve em um dialeto do hebraico<sup>86</sup> um pouco diferente do hebraico padrão<sup>87</sup> falado por seus leitores/transmissores de Judá e Jerusalém.<sup>88</sup>

---

<sup>79</sup> Brotzman, *Old Testament*, p. 110-111.

<sup>80</sup> *Oséias*, Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 1993.

<sup>81</sup> Hubbard, *Oséias*, p. 35.

<sup>82</sup> *Hosea, A New Translation with Introduction and Commentary*.

<sup>83</sup> Hubbard, *Oséias*, p. 35.

<sup>84</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 31.

<sup>85</sup> *Hosea*, ICC.

<sup>86</sup> Stuart (*Hosea-Jonah*, p. 13) afirma categoricamente que “reflete o dialeto israeliano antes que o judaíta”.

<sup>87</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 33.



Recorrendo ao que se pode saber desse dialeto, podemos solucionar problemas de crítica textual em Oseias sem termos de reformular o texto, como em parte acontece nas abordagens alternativas.

Essa última abordagem ainda não é muito usada mas está em expansão. Sua real contribuição para a solução de problemas textuais depende de mais estudos e conclusões sólidas sobre a própria existência do dialeto nortista. Disso vamos tratar no próximo capítulo.

---

<sup>88</sup> Macintosh, *Hosea*, p. liii-lx e lxxv.

### III - Dialeto Nortista do Hebraico (Hebraico Israeliano)

#### 1. Introdução

A identidade linguística do Israel antigo<sup>89</sup> é a que está plasmada no *corpus* de literatura hebraica que chegou até nós. Pode-se falar desse *corpus* como consistindo na Bíblia Hebraica, e assim foi feito durante muito tempo, mas, na opinião de alguns estudiosos, parece mais correto ir além<sup>90</sup> e incluir nele os textos hebraicos de Qumran<sup>91</sup>, as inscrições até agora descobertas<sup>92</sup> e o hebraico mishnaico<sup>93</sup>.

---

<sup>89</sup> Aproximadamente, até o período pós-exílico.

<sup>90</sup> “Historicamente, o estudo tem se concentrado no hebraico bíblico, isto é, o Antigo Testamento ou Bíblia Hebraica, porque esse estudo era conduzido primariamente dentro da comunidade de fé e, antes desse século, havia pouca evidência extrabíblica da língua hebraica dos tempos bíblicos.” (Groom, *Linguistic Analysis*, p. 3)

<sup>91</sup> Eles são cerca de 90 por cento dos chamados “rolos (ou manuscritos) do mar Morto” e abarcam, nos mais de 200 manuscritos bíblicos, todos os livros da Bíblia Hebraica menos Ester. Esses cerca de 970 manuscritos, no total, são escritos em hebraico (a maioria), aramaico e grego, sobre pergaminho (a maioria), papiro e cobre (1 apenas), e são divididos em manuscritos bíblicos, apócrifos e pseudoepígrafos, e manuscritos próprios da seita ou grupo que os copiou e armazenou (talvez, os essênios), o que inclui comentários aos textos bíblicos, como o *comentário (peshar) de Habacuque*.

<sup>92</sup> Algumas delas são:

a - ostraca de Samaria, sessenta e cinco em número, escritas em páleo-hebraico, encontradas nas ruínas do palácio real de Samaria, parecem ser faturas referentes a produtos vinícolas (talvez, do reinado de Jeroboão II);

b - a inscrição de Siloé, escrita em hebraico cursivo num túnel no tanque de Siloé, fala da construção do túnel e deve ser do tempo de sua construção, o reinado de Ezequias;

c - as ostraca de Arade, final do sétimo ou início do sexto século a.C., em geral são correspondência militar, encontradas na cidade judaíta de Arade, no Negueve;

d - as inscrições de Khirbet el-Qom e Kutillet Ajrud, aquelas, de cerca do século nono ao sexto a.C., encontradas na cidade bíblica de Maqueda (Khirbet el-Qom), escritas em um hebraico oficial não

Todas essas seriam fontes da designação abrangente de hebraico clássico, um dialeto cananeu<sup>94</sup> que, junto com o fenício, comporia o grupo das línguas cananitas, que teria a seu lado o ugarítico e aramaico para formar o ramo noroeste da família das línguas semíticas.

O foco deste capítulo então é o hebraico do norte de Israel, região designada como Reino do Norte, cuja capital era Samaria, seguindo-se ao cisma ocorrido após a morte do rei Salomão, em cerca de 931 a.C. (“hebraico israeliano”), como meio de identificar a identidade linguística dessa parte do Israel antigo. Isso será feito com ênfase no hebraico da Bíblia (“hebraico bíblico”), em sua forma padrão<sup>95</sup>, e em um contraste entre o padrão e a variação como contempladas na teoria que afirma a existência de um dialeto (ou dialetos) próprio da região norte de Israel.

Essa língua recebe na própria Bíblia as designações de “a língua (literalmente, “lábio”) de Canaã” (Is 19.18), ou “judaico”, a “língua de Judá”, 2Reis 18.26 etc. A designação “hebraico” não ocorre na Bíblia Hebraica, mas ocorre na Mishná<sup>96</sup> e, em

---

complicado em comparação com o hebraico literário da Bíblia; estas, datadas entre séculos nono a oitavo, encontradas no Sinai oriental, a poucos quilômetros de Cades-Barneia, são inscrições de origem religiosa com pouca divergência do hebraico bíblico padrão, também incluíam algumas inscrições fenícias;

e - as cartas de Laquis de Judá (Tell ed-Dweir), vinte e uma em número, escritas em páleo-hebraico, são ostraca, muitas delas parecem ser cartas militares do período em torno de 588 a.C.;

f - e os textos de Deir Alla da Transjordânia, uma cidade da era do ferro, escritos num dialeto entre aramaico e cananita por volta de 800 a.C., menciona o profeta Balaão (Nm 22—24) em meio a visões e sinais e descrição do mundo inferior; e talvez as cartas de Amarna, um arquivo de correspondência diplomática principalmente em tabuinhas de barro encontradas em Amarna, no Alto Egito, datando do século XIV a.C., escritas em acádio literário, mas com glosas em um dialeto cananeu.

<sup>93</sup> A língua comum e mista da população da Judeia romana no primeiro século e que existiu já antes da destruição do segundo templo até 200 d.C., própria de uma literatura que existiu primeiro em forma oral e depois em forma escrita.

<sup>94</sup> A grande diversidade linguística de Canaã, portanto não limitada a “um dialeto cananeu”, é comentada por Young (*Diversity*, p. 7) assim: “Havia uma série de povos e línguas na Canaã pré-israelita, não só um grupo étnico semita chamado de ‘os cananeus’”.

<sup>95</sup> “O Hebraico padrão era um dialeto hebraico nacional que conscientemente evitava certas formas dialetais em favor daquelas distintivamente hebraicas”. “O hebraico bíblico padrão era uma forma nacionalizada da antiga língua de prestígio cananita.” (Young, *Diversity*, p. 168)

<sup>96</sup> Bauer, H. e Leander, P. *Historische Grammatik der Hebräischen Sprache des AT* (Halle, 1922, 1962), p. 13.

grego, ocorre pela primeira vez no prólogo do Livro de Ben Sira 1.22,<sup>97</sup> o Eclesiástico (cerca de 130? a.C.), também chamado de *Sabedoria de Jesus ben-Siraque* (daí, também chamado de *Sirácida*)<sup>98</sup>.

Vamos estudar os fatores geradores de variações nessa língua, como representada na Bíblia, com destaque para a variação regional, que possibilita o reconhecimento de um dialeto específico como causa de certa instabilidade em uma língua que, considerando a extensão temporal que a Bíblia abarca, é bastante estável.<sup>99</sup>

E depois de discorrer sobre os pontos mais importantes da metodologia de identificação dos traços do dialeto, e portanto, de identificação de textos que sejam seus representantes, passamos aos exemplos concretos e concluímos com uma avaliação sintética da pesquisa até o momento.

Duas obras são bastante relevantes no estágio atual desses estudos por confirmarem a variação e a necessidade de ela ser levada em conta e pelo destaque que dão ao hebraico mishnaico e sua influência. São elas:

#### ***Diglossia in ancient hebrew*** [Diglossia no hebraico antigo]<sup>100</sup>

Nessa obra, Gary Rendsburg estuda a *Diglossia*, fenômeno em que duas variedades de uma única língua existem simultaneamente, uma para uso informal coloquial e uma para uso formal literário. Segundo Rendsburg, no hebraico antigo havia um dialeto escrito usado em obras literárias e linguagem formal e um dialeto falado usado na comunicação diária.

Rendsburg se limita à dicotomia entre língua escrita/formal e falada/informal (p. 28). Esta ele define recorrendo principalmente ao conceito de coloquialismo, a saber, aquelas características do hebraico bíblico que antecipam desenvolvimentos do hebraico

---

<sup>97</sup> *Idem, ibidem*, p. 13.

<sup>98</sup> Este livro não foi aceito pelos judeus como inspirado e, portanto, nunca fez parte do cânon, a lista de escritos inspirados, mas integrou a tradução grega das escrituras hebraicas, a Septuaginta.

<sup>99</sup> As pesquisas de Rendsburg o levam a crer no contrário. As variações ou “anomalias” na Bíblia hebraica seriam mais numerosas do que qualquer um esperaria. (“Strata”, p. 81ss.)

<sup>100</sup> Esta análise é baseada na resenha feita por Peter Bekins em <http://balshanut.wordpress.com/2008/12/02/rendersburg-gary-a-diglossia-in-ancient-hebrew-american-oriental-series-72-new-haven-american-oriental-society-1990/> e na de Alan S. Kaye em *AJS Review*, Vol. 18, No. 1 (1993), p. 105-108.

mishnaico e também aquelas características de hebraico bíblico que contrariam a gramática aceita e têm paralelos no árabe falado (contra o árabe clássico).

Rendsburg identifica doze<sup>101</sup> traços do dialeto coloquial, dividindo seu livro em capítulos aproximadamente conforme os traços:<sup>102</sup>

1. neutralização de gênero (p. 35-62) — o uso de formas epicenas onde o dialeto padrão emprega formas separadas para masculino e feminino, geralmente o masculino suplantando o feminino (como em português: o jacaré (macho), o jacaré (fêmea)).

Por exemplo, o 2mp אָהָם e 3mp הָּ em lugar de 2fp אָהֶן e 3fp הֶנָּה.<sup>103</sup>

2. incongruência (p. 69-85)<sup>104</sup> — a ausência de concordância gramatical (gênero, número ou ambos) entre partes de uma oração (isto é, substantivo e adjetivo, sujeito e verbo).<sup>105</sup>

3. a fusão de verbos לִיִּי e לִיִּי (p. 85-94), tais como נִשְׂאֵתִי em lugar de נִשְׂאֵתִי.<sup>106</sup>

4. a elisão (p. 95-102) de הָּ no *nif'al*, *hif'il* e *nitpa'el* infinitivo construto com לִּ, tal como לִּיקְטִיל em lugar de לִּיקְטִיל.<sup>107</sup>

5. falta de concordância (p. 104-112) na definitude entre um substantivo e seu adjetivo, ou אִישׁ הַיִּשְׂרָאֵלִי “o homem israelita (Lv 24.10)” ou פְּלִשְׁתִּים הָעֵרְלִים “os filisteus incircuncisos (Jz 14.3)”.

6. o uso do pronome relativo (p. 113-118) שֶׁ em lugar de אֲשֶׁר.<sup>108</sup>

<sup>101</sup> Doze traços gramaticais é o número fornecido por Rendsburg (p. 151, 152), mas ele também menciona quatorze (p. 171, 177), talvez contando, neste segundo caso, o traço de *incongruência* como três (p. 69).

<sup>102</sup> *Diglossia*, p. vii

<sup>103</sup> Ct 6.8. Literalmente: *Eles* são sessenta rainhas.

<sup>104</sup> A diferença entre *incongruência* (quanto a gênero) e *neutralização de gênero* (acima) é explicada por Rendsburg (p. 69) da seguinte forma: “A neutralização de gênero surge da perda *total* de formas femininas com as correspondentes formas masculinas tornando-se epicenas [...] a incongruência, por sua vez, tem a ver com outras classes gramaticais em que as formas masculinas *podem* ser usadas em lugar de suas contrapartes, mas sem consistência nem regularidade.”

<sup>105</sup> Como silepse de gênero, número ou pessoa em português: Os Lusíadas *engrandeceu* a literatura portuguesa.

<sup>106</sup> Jr 15.10.

<sup>107</sup> Êx 10.3 tem לִּעֲנֵת da raiz עָנָה.

<sup>108</sup> Jn 4.10, curiosamente, tem as duas formas.

7. o uso do pronome possessivo independente (p. 119-123) של antes que do estado construto ou de uma circunlocução tal como אֲשֶׁר לִי.<sup>109</sup>

8. o uso do sufixo pronominal catafórico<sup>110</sup> (p. 125-132), וְהָרָאָהּ אֶת-הַיָּלֵד, “e ela viu (a ele) o menino (Êx 2.6)”.

9. o uso de זוֹ/זֶה como pronome (p. 133-136) demonstrativo feminino singular antes que de זֶאת (Os 7.16), e o uso de אֵלֶיךָ<sup>111</sup> como a forma comum plural.

10. o uso de um segundo conjunto de demonstrativos (p. 136-137) — masculino singular הַזֶּה, feminino singular הַזֹּאת, c.p. הַלְלוּ, etc.<sup>112</sup>

11. o uso do pronome independente (p. 139-140) 1 cp. אֲנִי em vez de אֲנִיכֶם.<sup>113</sup>

12. a construção הִיא + participio (p. 145-149). Uma construção característica do hebraico falado mas não admitida, daí muito rara, no hebraico bíblico.<sup>114</sup>

Das descobertas de Rendsburg, deve-se destacar que “cada estágio sucessivo do dialeto literário é de fato o dialeto falado do período anterior” (p. 28, 143, 180) e “a padronização do hebraico clássico, especialmente de c. 1000 a.C. em diante em Jerusalém, iniciou a distinção entre o dialeto formal e o informal. A linguagem coloquial continuou a se desenvolver, ampliando a brecha com a linguagem literária mais conservadora” (p. 175).

### ***Diversity in pre-exilic hebrew*** [Diversidade no hebraico pré-exílico]<sup>115</sup>

Várias formas diferentes de hebraico têm sido identificadas no Antigo Testamento. Nessa obra, Ian Young propõe um modelo alternativo para o entendimento

---

<sup>109</sup> Sete ocorrências na Bíblia, segundo Rendsburg, p. 120, como por exemplo, em Ct 1.6.

<sup>110</sup> Sufixo pronominal que antecipa o objeto do verbo.

<sup>111</sup> Conforme explica Rendsburg (p. 134): “Não há ocorrências de אֵלֶיךָ na Bíblia Hebraica, mas ele pode ter existido nos tempos bíblicos mesmo assim”. E na nota 7 da mesma página, informa que, fora da Bíblia Hebraica, em Ben Sira, aparece duas vezes em 51.24 (p. 134, nota 7).

<sup>112</sup> Dn 8.16

<sup>113</sup> Jr 42.6 Ketiv.

<sup>114</sup> “Há somente três dúzias de instâncias desse uso” (p. 146), como em Gn 39.22.

<sup>115</sup> Essa análise é baseada na resenha de Marsha White em *Review of Biblical Literature* [<http://www.bookreviews.org>] (2000), e na de Geoffrey Khan, em *Vetus Testamentum*, Vol. 47, Fasc. 3 (Jul., 1997), p. 409-412.

dessa diversidade. O hebraico bíblico remontaria à adaptação da língua de prestígio<sup>116</sup> cananita pré-israelita. As tribos israelitas, assim como outros povos fizeram, adotaram essa protolíngua, o que explicaria a estreita similaridade dessas línguas com o hebraico bíblico.

Young também questiona a pressuposição de que mudanças na língua escrita reflitam mudança histórica natural na linguagem coloquial. Essas, na verdade, resultariam de interferências do coloquial em obras escritas.

Essa situação de diglossia teria persistido por toda história israelita pré-exílica e poderia explicar as várias instâncias de diversidade linguística nos textos bíblicos e nas inscrições. No período pré-clássico, uma característica do hebraico é seu forte componente aramaico. Depois, uma única diglossia foi estabelecida entre hebraico bíblico literário e um hebraico mishnaico falado. Traços característicos desse hebraico mishnaico ocorrem em alguns livros bíblicos, como Jó, Qoheleth, Cântico dos Cânticos, Oseias e outros, e podem ser explicados como elementos coloquiais que existiam no período pré-exílico.

A teoria exposta por Young combina tanto com as cartas de Amarna como com os vestígios escritos de várias nações cananitas abarcando uma grande quantidade de evidência.

Agora, passamos ao estudo das possibilidades de existência do hebraico israeliano.

## **2. Três fontes de variação<sup>117</sup> da língua**

### **a- Diacronia<sup>118</sup>**

---

<sup>116</sup> “Língua de prestígio (social)”, é a também chamada de “língua padrão”; é a escolhida como a mais apropriada nos contextos formais. A língua padrão é a variedade da língua que tem um *status* especial na sociedade. É o falar culto, utilizado na camada que desfruta de prestígio intelectual.

<sup>117</sup> Fontes no sentido de possíveis geradores de diferenciações temporais (diacronia), linguísticas (diglossia) ou geográficas (regionalismo) perceptíveis numa língua. Não se trata de apontar superioridade nem inferioridade, em uma palavra, hierarquia, nos traços linguísticos em destaque mas apenas de evidenciar a *diferenciação* dentro de um mesmo, e estabelecido numa comunidade de falantes, código linguístico.

A língua da Bíblia Hebraica cobre um intervalo de aproximadamente 1000 anos, se aceitarmos que o material mais antigo (Êxodo 15) é de cerca de 1150 a.C. e o mais recente, o livro de Daniel, de 165 a.C.<sup>119</sup>

Portanto, conclui-se que diferenças cronológicas devam ser o primeiro fator a ser considerado quando o assunto é variação linguística<sup>120</sup> [quanto ao tempo, resultado da comparação entre dois estados sincrônicos de uma dada língua].

A primeira divisão cronológica feita na história da língua hebraica foi a que reconheceu a existência do hebraico bíblico padrão (pré-exílico + exílico) e o hebraico bíblico tardio (pós-exílico), sendo esses dois períodos separados pelo exílio babilônico (586 a.C.).<sup>121</sup> Posteriormente, segundo Yoo,<sup>122</sup> houve uma subdivisão no hebraico bíblico padrão, chegando-se então ao seguinte quadro de três estágios ou fases:

Hebraico bíblico antigo 1150 a.C. — 1000 a.C. (Gn 49; Êx 15; Nm 22—24; Jz 5<sup>123</sup> etc.).

Hebraico bíblico padrão 1000 a.C. — 586 a.C. (quase todo o texto bíblico).<sup>124</sup>

Hebraico bíblico tardio 586 a.C. — 165 d.C. (Ezequiel, Lamentações, Ester etc.).

De acordo com Robertson,<sup>125</sup> algumas características do hebraico bíblico antigo são, por exemplo:

- a. o uso do pronome relativo  $\text{וְזֶה}$  ou  $\text{זֶה}$  como na expressão  $\text{אֱלֹהִים וְזֶה}$   
 $\text{סִינַי}$  = “Deus, *aquela* do Sinai” (Sl 68.9).

---

<sup>118</sup> Os fatos da língua considerados elementos ou fatores de um sistema em curso de evolução, como pertencentes a estados diferentes de desenvolvimento (Dubois. *Dicionário*, p. 181.)

<sup>119</sup> Yoo, *Israelian hebrew*, p. 4.

<sup>120</sup> Yoo, *Israelian hebrew*, p. 5.

<sup>121</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*. p. 5.

<sup>122</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 4,5.

<sup>123</sup> A canção de Débora (Jz 5) é ainda referida como uma das partes mais antigas da Bíblia, datando dos séculos doze ou treze a.C. (Groom, *Linguistic analysis*, p. 32)

<sup>124</sup> “O hebraico bíblico padrão atingiu sua forma plena durante o tempo do império de Davi e Salomão.” (Young, *Diversity*, p. 75)

<sup>125</sup> Robertson, *Linguistic evidence in dating early Hebrew poetry*. Apud Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 19.



- b. O sufixo pronominal de terceira pessoa masculina plural מֵ- (-*mō/mū*).
- c. O sufixo pronominal de terceira pessoa masculina singular ךְּ em substantivos no plural.
- d. O ם - afixado a um substantivo ou participio.

Já no hebraico bíblico tardio, segundo Rendsburg,<sup>126</sup> foi crescente o uso de sufixos pronominais ligados ao verbo, causando a redução do uso da marca de acusativo אֶת. Compare-se, por exemplo, וַתִּסְתֵּי־רֵהוּ, de 2Crônicas 22.11, com o וַיִּסְתֵּרֵנוּ אֶת־נוּ em 2Reis 11.2.<sup>127</sup>

Young<sup>128</sup> alista as seguintes características desse nível do hebraico como exemplos de sua diferenciação do hebraico bíblico padrão:

1. A palavra בִּקְשָׁה, “pedido”, como substantivo só ocorre no hebraico bíblico tardio. Sete vezes em Ester e uma vez em Esdras.<sup>129</sup>
2. Nova conotação de palavras antigas, como por exemplo, o significado de “comprar” para o verbo לָקַח (geralmente, “pegar”, Pv 31.16).
3. A dominância de אֵין como a forma negativa mais comum usada com o infinitivo construto (enquanto que no hebraico bíblico padrão a forma negativa mais comum com o infinitivo construto é לֹבֵי־לֵהִי).

O hebraico bíblico tardio é mais facilmente identificável porque os textos (livros) são, em geral, mais facilmente datáveis.<sup>130</sup> Não há quase nenhuma disputa quanto à data tardia de livros como Crônicas, Esdras-Neemias, Ester e Daniel.<sup>131</sup>

<sup>126</sup> “Strata”, p. 81,82

<sup>127</sup> Ibid.

<sup>128</sup> *Diversity*, p. 82.

<sup>129</sup> Por exemplo, Ester 5.3.

<sup>130</sup> Groom, *Linguistic Analysis*, p. 33.

<sup>131</sup> Mesmo estudiosos da linha “conservadora”, como, por exemplo, Hill e Walton, que geralmente atribuem datas mais antigas para livros bíblicos, atribuem datas tardias a esses livros (*Panorama*, p. 274):

Apesar de muitos estudos detalhados terem sido feitos recentemente na tentativa de definir um *corpus* para cada fase da língua, não há ainda critérios com os quais todos concordem que expliquem por que um texto em particular é hebraico bíblico antigo.<sup>132</sup>

O método geral seguido até agora considera que a maioria dos textos bíblicos está escrita no hebraico bíblico padrão [*Standard biblical hebrew*].<sup>133</sup> Em favor disso pode-se alegar que a própria “composição de literatura sagrada em hebraico clássico deu uma sanção extra ao prestígio desse dialeto”.<sup>134</sup>

Quando um texto mostra traços que diferem desse hebraico bíblico padrão, o estudioso recorre a fatores extralinguísticos, como data, autoria e local, para rotulá-lo de “antigo”, isto é, hebraico bíblico antigo.<sup>135</sup>

#### b- Diglossia

Verificada a variação linguística dentro da Bíblia Hebraica, vários fatores de variação são alistados e estudados (itens a e c). E uma das fontes muito prováveis de variação é o fenômeno da *diglossia*.<sup>136</sup> Em uma definição simples e adequada

---

“os livros de Crônicas, com Esdras e Neemias, são os últimos do Antigo Testamento quanto à data de composição, a qual foi situada entre as reformas dos profetas Ageu e Zacarias (c. 515 a.C.) e o período grego (com datas que variam de 300 a 160 a.C.).”

<sup>132</sup> Groom, *Linguistic Analysis*, p. 31-35.

<sup>133</sup> Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 2.

<sup>134</sup> Young, *Diversity*, p. 75.

<sup>135</sup> Groom, *Linguistic Analysis*, p. 31-35.

<sup>136</sup> Diglossia, em geral, significa bilinguismo interno, isto é, dentro de uma mesma língua. Às vezes, uma das línguas, ou dialetos, ou falares, tem *status* sociopolítico inferior (Dubois, *Dicionário*, 190; Castilho, *Gramática*, p. 671). Nesse caso, discursos políticos e poesia, por exemplo, seriam escritos na variedade de mais prestígio, enquanto cartas pessoais e literatura popular apareceriam na variedade tida como inferior, ou de menos prestígio. (Groom, *Linguistic Analysis*, p. 29)

ao estudo e identificação de uma variedade do hebraico bíblico, diglossia<sup>137</sup> é “a coexistência dos dialetos, o escrito e o falado, de uma mesma língua”.<sup>138</sup>

Quanto à questão aqui relevante da existência de diglossia dentro do período bíblico, pode ser proposta a explicação de que divergências dentro dos textos bíblicos quanto à linguagem se devem ao número de coloquialismos falados que entraram nas composições escritas elevadas da Bíblia.<sup>139</sup>

Um exemplo frequente na Bíblia é a neutralização de gênero,<sup>140</sup> quando uma forma de pronome independente, sufixo pronominal, verbos incompletos masculinos na segunda e na terceira pessoa e plural imperativo, por exemplo, é usada para o gênero feminino ou para ambos.

Um exemplo:<sup>141</sup>

Jr 5.10 – pronome independente 3 pessoa plural

הַכִּירוּ נְטִישׁוֹתַיָּהּ כִּי לֹא לַיהוָה הֵמָּה

cortai seus ramos, pois eles não são do Senhor

Esse e outros casos<sup>142</sup> de coloquialismos no texto apontam para a existência de um dialeto falado do hebraico nos tempos bíblicos distinto do padrão literário em que a Bíblia é, em sua maioria, composta.<sup>143</sup>

---

<sup>137</sup> Young (*Diversity*, p. 77) sumariza as definições relevantes da seguinte forma: “Diglossia é uma situação em que duas variedades de língua existem lado a lado, cada uma tendo uma função a cumprir”.

<sup>138</sup> Rendsburg, “Strata”, p. 83. Young, *Diversity*, p. 75, diz: “O dialeto clássico teria permanecido relativamente estático, com base no ideal das antigas *sagradas Letras*, enquanto que os dialetos falados, sem importar o quão próximos estavam originalmente da forma clássica da língua, teriam começado logo cedo a divergir do ideal clássico.”

<sup>139</sup> Groom, *Linguistic Analysis*, p. 29.

<sup>140</sup> Rendsburg, *Diglossia*, p. 35.

<sup>141</sup> Rendsburg, *Diglossia*, p. 44.

<sup>142</sup> Quanto à neutralização de gênero, Rendsburg (“Strata”, p. 84) diz que o número de ocorrências na Bíblia é bastante alto. Seriam 4 casos com o pronome independente, 51 com o sufixo pronominal, 28 com o imperfeito e 5 com o imperativo, para um total de 88 exemplos tirados de gramáticas do hebraico bíblico padrão, como a de Gesenius (GKC).

<sup>143</sup> Groom, *Linguistic Analysis*, p. 29.

O efeito cumulativo da evidência demonstra a existência de diglossia no hebraico antigo.<sup>144</sup> Inclusive, há indicações de que os autores da Bíblia Hebraica tinham consciência da diferença entre o registro literário e o vernáculo (coloquial) do hebraico.<sup>145</sup>

Por exemplo, um caso de contração de ditongo em 2Reis 5.25 (יִשְׂרָאֵל em lugar de יִשְׂרָאֵל “de onde”), mantida apesar do processo de uniformização sofrido na transmissão do texto, indica que esse traço foi preservado porque a palavra ocorre na fala (de Eliseu) e não em uma descrição narrativa.<sup>146</sup>

Assim, embora seja geralmente assumido que o hebraico bíblico é uma língua literária<sup>147</sup> escrita por escribas altamente treinados, numerosos coloquialismos<sup>148</sup> são achados na Bíblia Hebraica. Isso é reforçado pelo fato de que o hebraico bíblico falado<sup>149</sup> era muito próximo do chamado “hebraico mishnaico”, que é considerado um dialeto coloquial do período pós-bíblico.<sup>150</sup>

Nesse sentido, destaca-se a mudança de visão sobre o hebraico mishnaico, que era visto como uma revitalização artificial do hebraico escrito e agora é entendido por muitos, não por todos (pois alguns o veem

---

<sup>144</sup> Rendsburg, “Strata”, p. 84-86.

<sup>145</sup> Schniedewind e Sivan, “The Elijah-Elisha narratives”, p. 334.

<sup>146</sup> Schniedewind e Sivan, “The Elijah-Elisha narratives”, p. 333-4.

<sup>147</sup> Língua literária no sentido de *língua escrita*, com todas as suas características de rigor, por exemplo, no uso das marcas de conjugação verbal ou das formas completas das palavras que nem sempre ocorrem na língua falada, que opta por abreviações e supressões de todo tipo, seguindo o princípio da *economia linguística*, ou lei do menor esforço (como em português, *tô* em lugar de *estou* etc.). Nela ocorrem também estruturas de frases muito mais complexas, variação em número para quase todos os nomes e adjetivos etc.

<sup>148</sup> *Coloquialismos* são formas de expressão próximas, ou características, da linguagem comum, cotidiana. Qualquer traço de linguagem (fonético, morfológico, léxico, sintático) próprio dos registros coloquiais, isto é, nas variantes da língua falada usada em situações informais. Em textos, é a marca da expressão oral registrada na expressão escrita.

<sup>149</sup> Segundo Young (*Diversity*, p. 76), “provavelmente, seria mais correto dizer que registros de fala/discurso em hebraico bíblico têm mais probabilidade de atrair expressões coloquiais, embora possam ser colocadas em uma forma literária”.

<sup>150</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 8-9.

como uma língua mista), como um dialeto que já existia como língua falada muito antes da destruição do segundo templo.<sup>151</sup>

c- Regionalismo ou variação dialetal<sup>152</sup>

É ponto pacífico que a língua do povo hebreu variava de região para região. Há suficiente evidência, nas inscrições e textos da região relativa à produção da Bíblia, para revelar as relações entre a língua da Bíblia e seus dialetos.<sup>153</sup>

Com base nisso se pode afirmar sem dúvida que a língua do Reino do Norte diferia da língua de Judá.<sup>154</sup> Mesmo se se admitir um processo de harmonização pelos massoretas na edição e transmissão dos textos bíblicos (afirmado por muitos)<sup>155</sup>, pode-se notar que muitas diferenças sobreviveram no texto. Como afirma Rendsburg<sup>156</sup>: “o texto está cercado de uma quantidade anormal de peculiaridades gramaticais”.

Os estudos que buscam a identificação do hebraico israeliano mostram que textos que tratam com tópicos não judaítas, tais como relatos do Reino do Norte, tendem a conter traços gramaticais e lexicais que concordam com línguas vizinhas contra a língua judaíta “padrão”.<sup>157</sup>

---

<sup>151</sup> Groom, *Linguistic Analysis*, p. 13.

<sup>152</sup> Variação dialetal tem a ver com os fenômenos de diferenciação dialetal ou dialeção, fenômenos pelos quais uma língua relativamente homogênea numa dada época sofre no curso da história certas variações até terminar em dialetos ou mesmo em línguas diferentes. Regionalismo pode ser entendido simplesmente como o conjunto de palavras ou expressões próprias de uma região dentro do conjunto maior da língua nacional.

<sup>153</sup> Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 169.

<sup>154</sup> Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 169.

<sup>155</sup> Rendsburg, “Morphological evidence”, p. 67, citando a gramática de Gesenius, GKC, p. vii: “Diferenças históricas foram, em sua maior parte, obliteradas pela atividade harmonizadora dos massoretas”.

<sup>156</sup> *Idem, ibidem*, p. 65.

<sup>157</sup> Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 169-173.

A própria geografia da área faria esperar mais influência linguística dos vizinhos (Fenícia, Arã, Amom, Moabe e Filístia) sobre a língua de Israel que sobre a de Judá (cujos vizinhos relevantes nesse caso se limitavam à Filístia e Edom).<sup>158</sup>

Aliás, a separação geográfica de Judá e sua não participação nos eventos políticos de Israel, o Reino do Norte, levaram a uma certa quantidade de separação linguística.<sup>159</sup>

Do ponto de vista geográfico, portanto regional, o hebraico israeliano incluía toda a área de Betel para o norte na Cisjordânia e toda a Transjordânia. Como já mencionado, a vizinhança favorecia, como era de se esperar, o compartilhamento de isoglossas<sup>160</sup> com as línguas aramaica, fenícia, moabita, amonita e a língua dos textos de Balaão de Deir ‘Alla.<sup>161</sup>

Pode-se afirmar que a maior parte da Bíblia foi escrita em Judá, principalmente em Jerusalém,<sup>162</sup> mas também pode-se demonstrar que porções da Bíblia têm sua origem fora de Judá, por exemplo, várias histórias em Juízes, o material em 1Reis que conta a história do Reino do Norte, o livro do profeta Oseias etc.<sup>163</sup>

Muitas formas gramaticais e lexicais que aparecem nesses textos são atípicas no hebraico bíblico padrão mas são típicas em dialetos cananitas e/ou em aramaico. A conclusão é que em regiões de colonização fora de Jerusalém e Judá havia um dialeto (ou dialetos) distinto do hebraico com isoglossas que o ligavam a outros dialetos cananitas e aramaicos.<sup>164</sup>

---

<sup>158</sup> Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 169-172.

<sup>159</sup> Rabin, C. “The Emergence of Classical Hebrew”, 71, *apud* Groom, *Linguistic Analysis*, p. 36.

<sup>160</sup> Isoglossas são fronteiras, limites, da área de distribuição de um dado traço linguístico (Groom, *Linguistic Analysis*, p. 38). A isoglossa (ou linha de isoglossa) é representada num mapa linguístico por uma linha que separa os pontos em que se encontra um traço dado daqueles em que este não se encontra (Dubois, *Dicionário*, p. 354)

<sup>161</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 12.

<sup>162</sup> “A escola hierosolimitana foi responsável por produzir as mais recentes e maiores partes da Bíblia Hebraica” (Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 2).

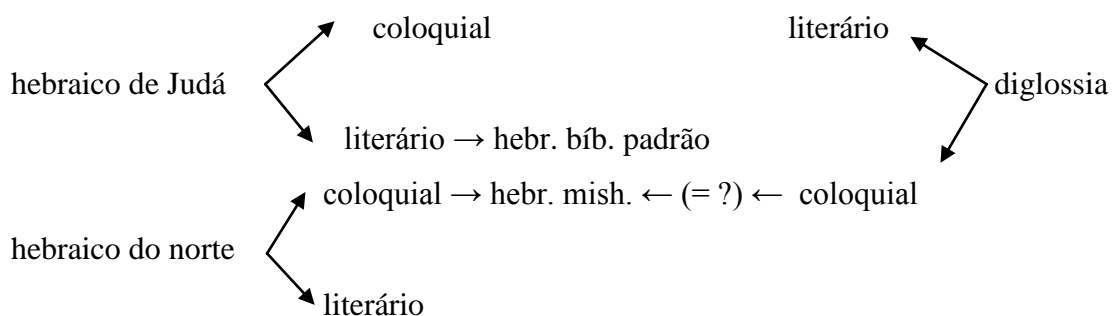
<sup>163</sup> Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 171-2.

<sup>164</sup> Rendsburg, “Strata”, p. 87,8.

O cananita em geral e o hebraico em particular tinham numerosas variedades locais ou subdialetos, apesar da relativamente pequena área territorial em que existiam. Isso, contrário ao que poderia parecer, está de acordo com os estudos de geografia dialetal, a saber, que as línguas desenvolvem dialetos e subdialetos independentemente do tamanho da área abarcada por uma língua.<sup>165</sup>

A evidência já reunida, e exemplificada abaixo, está dentro dos limites do esperado quanto às possibilidades de variação regional.<sup>166</sup> O fato de que nunca há limites nítidos entre dois dialetos ajuda a explicar parte da dificuldade enfrentada nas tentativas de delinear o hebraico israeliano.

Chegamos então ao ponto em que podemos propor um quadro provisório do que teríamos em termos de diglossia e variação regional e diacrônica em Israel [Este quadro é obviamente incompleto. Ele pretende apenas visualizar a relação básica entre a variação na esfera linguística concreta e a *diglossia interna à Bíblia Hebraica*]:



### 3. Hebraico israeliano

Da verificação da variação presente no hebraico bíblico em algumas de suas diversas fontes, diacronia, regionalismo/variação dialetal e diglossia, chegamos à tese de um dialeto hebraico específico do Reino do Norte, mais apropriadamente chamado de hebraico “israeliano” (conforme proposto por G.

<sup>165</sup> Rendsburg, “A Comprehensive guide”, p. 31.

<sup>166</sup> Rendsburg, “A Comprehensive guide”, p. 32.

A. Rendsburg a partir do termo cunhado, originalmente, por H. L. Ginsberg em referência ao Reino do Norte), como oposto a hebraico judaíta, do Reino de Judá.<sup>167</sup>

Segundo Rendsburg, trata-se de um termo guarda-chuva<sup>168</sup> (*umbrella term*), pois cobre vários dialetos do norte (como, por exemplo, o efraimita, o galileu e o gileadita),<sup>169</sup> visto ser improvável que as populações de Ruben, Efraim e Dã falassem o mesmo tipo de hebraico.

Dito de outra forma, o hebraico israeliano pode ser identificado com tudo o que não é hebraico judaíta. Ele foi falado na parte norte da terra de Israel desde o período formativo de Israel até o período romano.<sup>170</sup>

São reconhecidas as muitas dificuldades de identificação de dialetos regionais dentro do texto da Bíblia Hebraica. Por exemplo:<sup>171</sup>

a - dificuldades ligadas ao trabalho dos massoretas, que embora tendessem a preservar o que recebiam, aparentemente faziam correções que julgavam necessárias, mesmo que sem muito sucesso.

b - dificuldades ligadas à transmissão pré-massorética dos textos, i.e, do tempo em que alcançaram sua forma final até o tempo dos massoretas, época da qual pouco se sabe mas na qual desconfia-se ter havido uma maior liberdade editorial de padronização da gramática e dos textos.

c - por fim, dificuldades causadas pela existência de diversas camadas redacionais, porque, sem dúvida, os originais foram copiados, retrabalhados, reorganizados etc.

Essas são dificuldades relacionadas ao texto e há pelo menos duas relacionadas à língua e seu desenvolvimento.<sup>172</sup>

---

<sup>167</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 12 e nota. Também Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 2 e nota.

<sup>168</sup> Termo genérico usado para se referir a uma série de coisas, como, por exemplo, a palavra *lepra* usada para traduzir מַצַּרְעַת em Lv 13.2 etc. se refere a uma série de infecções e doenças relacionadas (Cf. *Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento*, p. 441).

<sup>169</sup> Rendsburg, “A Comprehensive guide”, p. 5.

<sup>170</sup> Rendsburg, “Strata”, p. 88. Cf. também Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 12,16.

<sup>171</sup> Conforme delineadas por Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 8-10.



Para que comparações dialetais sejam válidas é preciso levar em conta o “tempo e o local de cada texto”. Definindo-se linhas de desenvolvimento de características gramaticais podemos isolar formas dialetais. Essa tarefa é obviamente dificultada pela “pobreza de evidência epigráfica” pois há muito pouco material disponível sobre os diferentes dialetos dentro do território israelita, durante o período da monarquia.

Esse *corpus* consiste nas ostraca de Samaria, a inscrição de Siloé, as ostraca de Arade, as inscrições de Khirbet el-Qom e Kutillet Ajrud, as cartas de Laquis de Judá e os textos de Deir Alla da Transjordânia e talvez as cartas de Amarna. São poucas e pequenas as amostras de material inscricional, o que torna difícil determinar com certeza quais eram os traços dialetais das diferentes áreas.<sup>173</sup>

Mas os massoretas não conseguiram, e há dúvidas sobre se tentaram,<sup>174</sup> uniformizar toda a gramática, o vocabulário etc. Muitas irregularidades foram mantidas, e entre essas podem-se perceber dicas ou traços de diferenças dialetais pronunciados em determinada época.

O trabalho dos redatores de reformular o texto deixou passar muito do estilo e sabor dos autores originais e peculiaridades gramaticais.<sup>175</sup>

Conclui-se que as diferenças que sobreviveram a séculos de edição, cópia etc. ainda refletem variações regionais, como pode ser visto pelo uso dos dados comparativos junto com a distribuição dos traços na Bíblia Hebraica.<sup>176</sup>

Os estudiosos<sup>177</sup> que procuram identificar amostras de hebraico israeliano consideram agora que ele está presente em<sup>178</sup> Gn 49, Lv 25.13-24, Dt 32 e 33, histórias selecionadas em Juízes, 2Sm 23.1-7, material em Reis sobre o Reino do Norte, Oseias, Amos, Miqueias 6 e 7, salmos nortistas, como 9 e 10, 16, 29 etc.

---

<sup>172</sup> Conforme delineadas por Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 11-13.

<sup>173</sup> Young, *Diversity*, p. 10,

<sup>174</sup> Segundo Rendsburg (*Diglossia*, p. 174), “É evidente que os massoretas não fizeram isso de jeito nenhum, pelo contrário, meramente transmitiram o texto recebido”.

<sup>175</sup> Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 10.

<sup>176</sup> Groom, *Linguistic Analysis*, p. 41.

<sup>177</sup> Alguns deles listados por Rendsburg em “A Comprehensive guide” p. 9, 10.

<sup>178</sup> Sumário das conclusões em Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 167-8.

e nas coleções de Asafe e Corá, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes e Ne 9.<sup>179</sup> Isso daria cerca de 70-80% da Bíblia Hebraica escrita em hebraico de Judá e 20-30% escrita em, isto é, com marcas de, hebraico israeliano.<sup>180</sup>

As objeções a que se recorra à existência de um hebraico israeliano para explicação de variação na Bíblia Hebraica são muitas, mas parecem ser insuficientes para se abandonar essa teoria.

Questionamentos levantados se referem:

- a) ao pequeno espaço geográfico de Israel para o desenvolvimento de vários dialetos;<sup>181</sup>
- b) à pouca evidência<sup>182</sup> sobre a qual se basear a existência de um dialeto;<sup>183</sup>
- c) às outras possíveis fontes de variação que não um dialeto, como cronologia, diglossia, influência do hebraico bíblico tardio e do aramaico etc.;<sup>184</sup>
- d) à incoerência na ocorrência dos traços<sup>185</sup>,
- e) ao processo de harmonização massorética<sup>186</sup> e
- f) à suposta argumentação<sup>187</sup> circular na identificação de amostras de nortismos.

Em geral, a metodologia exposta a seguir parece responder às críticas e reconhece a necessidade de mais pesquisa.

---

<sup>179</sup> Rendsburg, “A Comprehensive guide” p. 8.

<sup>180</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 16.

<sup>181</sup> Rendsburg, “A Comprehensive guide”, p. 31.

<sup>182</sup> Por exemplo, o pequeno número de inscrições.

<sup>183</sup> Para Wolfe, a evidência é suficiente (*Non-judahite dialects*, p. 169), contra Groom (*Linguistic Analysis*, p. 38).

<sup>184</sup> Conforme as ideias de C. Rabin, citado em Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 31.

<sup>185</sup> Um dado muito interessante é a atribuição da forma *she* ao dialeto nortista que teria no sul  $\text{שֶׁ}$  como pronome relativo correspondente, mas  $\text{שֶׁ}$  não ocorre em um dos textos mais importantes como exemplo de hebraico israeliano, Oseias, que tem exatamente a forma sulista  $\text{שֶׁ}$ . Aparentemente, esse fato poderia ser explicado como resultado de harmonização. (Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 178-179, 181-182)

<sup>186</sup> Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 8.

<sup>187</sup> Pode-se perguntar: Um traço seria nortista porque ocorre em texto nortista ou o contrário?

#### 4. Metodologia de reconstrução/identificação do hebraico israeliano

G. A. Rendsburg apresentou sua metodologia (na verdade, uma adaptação da obra de Hurvitz sobre o hebraico bíblico tardio, aplicada ao estudo das diferenças diacrônicas na língua hebraica<sup>188</sup>) para avaliação de diferenças regionais e assim estabelecer um texto como hebraico israeliano, formada de quatro critérios na introdução de seu livro sobre Salmos:<sup>189</sup>

a- Distribuição<sup>190</sup>

Este critério envolve procurar textos bíblicos que compartilham certos traços linguísticos ou itens de vocabulário presumidamente do hebraico israeliano.

Se um potencial traço do hebraico israeliano ocorre em um texto do hebraico israeliano ele deve ocorrer exclusivamente, ou de forma desproporcional, ou em textos confirmadamente nortistas por outros critérios ou em outros textos só em contextos estrangeiros.<sup>191</sup>

Trata-se de encontrar todos os usos de um traço dentro da Bíblia Hebraica, e então determinar a proveniência, tanto quanto possível, de cada ocorrência.

Um traço não precisa ocorrer só em contextos pertencentes ao Reino do Norte, mas deve aparecer em contextos do Reino do Norte em número mais alto do que em contextos do Reino do Sul.<sup>192</sup>

---

<sup>188</sup> Hurvitz, A. "Linguistic Criteria for Dating Problematic Biblical Texts", *Hebrew Abstracts* 14 (1973) 74-79.

<sup>189</sup> Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 37; cf. também Schniedewind e Sivan, "The Elijah-Elisha narratives", p. 305. Rendsburg, *Linguistic Evidence for the Northern Origin of Selected Psalms*, Atlanta, 1990.

<sup>190</sup> Do ponto de vista linguístico, a distribuição de um dado elemento é a soma de todos os ambientes de ocorrência desse elemento, seus contextos. Aqui, também, trata-se de verificar ambientes de ocorrência de um traço, seu contexto original ou próprio, e as possibilidades de esclarecimento de sua natureza a partir disso.

<sup>191</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 26.

<sup>192</sup> Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 37.

Em resumo, este critério exige que um elemento apareça primariamente em textos que tenham a ver com o Reino do Norte, tal como Oseias,<sup>193</sup> ou em narrativas nos livros de Reis que são ambientadas no Norte.<sup>194</sup>

b- Oposição/contraste<sup>195</sup>

Refere-se à existência de formas e expressões de hebraico de Judá alternativas<sup>196</sup> para potenciais itens linguísticos de hebraico israeliano.<sup>197</sup>

Seria uma diferença demonstrável entre um traço do norte e sua contraparte judaíta.<sup>198</sup> Em outras palavras, sinônimos ou formas paralelas devem ser achados em textos do hebraico bíblico padrão, tais como Isaías ou Êxodo.

A presença de contraste linguístico mostra que a ausência de um elemento dos textos de Judá não é mera coincidência.<sup>199</sup>

c- Fontes extrabíblicas ou externas

É a busca por presumíveis itens de hebraico israeliano fora da Bíblia. Frequentemente, itens lexicais do hebraico israeliano têm cognatos em outras línguas semíticas<sup>200</sup> dos vizinhos de Israel,

---

<sup>193</sup> Oseias, o autor que dá nome ao livro, era habitante de Israel (reino do norte) durante a “era de ouro” do reinado de Jeroboão II (Hill e Walton, *Panorama*, p. 512). Oseias é claramente um profeta do norte e sua profecia é na sua maior parte dirigida ao norte (Dillard e Tremper Longman III, *Introdução*, p. 339,340).

<sup>194</sup> Schniedewind e Sivan, “The Elijah-Elisha narratives”, p. 305.

<sup>195</sup> Trata-se da relação existente entre dois termos de um mesmo paradigma, lista de possibilidades como traços disponíveis. Essa relação é excludente, na medida em que a ocorrência de um traço (fônico, morfêmico, sintático etc.) exclui a ocorrência de outro na mesma variante linguística ou dialeto.

<sup>196</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 27.

<sup>197</sup> São instâncias em que formas variantes correspondem exatamente em função a suas contrapartes clássicas. (Young, *Diversity*, p. 78)

<sup>198</sup> Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 38.

<sup>199</sup> Schniedewind e Sivan, “The Elijah-Elisha narratives”, p. 305.

<sup>200</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 27.

principalmente fenício e aramaico,<sup>201</sup> mas também nas demais línguas semíticas do noroeste (ugarítico, moabita e amonita) e no hebraico mishnaico.

Por esse critério é possível verificar se o quadro estatístico de distribuição reflete a situação linguística concreta, funcionando como um controle externo para os critérios anteriores.<sup>202</sup>

d- Concentração/acumulação

Este critério não visa traços individuais como os anteriores, que são aplicados a traços gramaticais ou lexicais para determinar se ou não o traço pode ser considerado representativo de um certo dialeto,<sup>203</sup> mas a textos inteiros.

Um texto só será considerado nortista se houver uma pesada concentração de elementos nortistas nele,<sup>204</sup> ou seja, este critério é usado para determinar se há um número suficiente de traços (já considerados dialetais pelos primeiros três critérios) presentes em uma dada passagem para situá-la em um cenário não judaíta.<sup>205</sup>

Concluindo-se, por esse critério, que um texto não pode ser confirmado como “nortista” a não ser que tenha uma concentração suficiente de elementos que estão presentes só em textos nortistas. Ou seja, um texto não pode ser rotulado de nortista com base só em um ou dois traços.<sup>206</sup>

---

<sup>201</sup> Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 38.

<sup>202</sup> Schniedewind e Sivan, “The Elijah-Elisha narratives”, p. 305.

<sup>203</sup> Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 38.

<sup>204</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 27.

<sup>205</sup> Wolfe, *Non-judahite dialects*, p. 38.

<sup>206</sup> Schniedewind e Sivan, “The Elijah-Elisha narratives”, p. 305

Em síntese, fatores não linguísticos<sup>207</sup> sugerem que um texto pode ser nortista, ele compartilha alguns traços linguísticos atípicos, do ponto de vista do hebraico bíblico padrão, com outros textos considerados nortistas; é possível estabelecer uma oposição e distinção entre cada um desses traços no dialeto do norte e seu equivalente no hebraico bíblico padrão; daí, a concentração desses traços em um texto em particular torna-se um diagnóstico para o dialeto do norte.<sup>208</sup>

Young<sup>209</sup> trata especificamente dos traços do hebraico israeliano em textos de Juízes, Cântico dos Cânticos, nas ostraca de Samaria e nos livros de Oseias e Amós.

Segundo ele, o cântico de Débora (Jz 5) fala do triunfo de um grupo de tribos que excluía as tribos do sul de Judá, Simeão e Levi. Nesse sentido, os traços dialetais peculiares da língua podem ser vistos como característica de um hebraico “nortista” como oposto a um hebraico “sulista” (judaíta). Cântico dos Cânticos, ele afirma, parece ter sido composto em Jerusalém, no entanto mostra grande interesse em localidades do norte.

Young reconhece que, quanto à identificação do cântico de Débora e de Cântico dos Cânticos como textos em hebraico israeliano, há algumas perguntas sem resposta até o momento<sup>210</sup>, mas baseando-se nessas evidências já disponíveis, e nos coloquialismos, como destacado por outros estudiosos, conclui que podemos afirmar que os traços dialetais do cântico de Débora e de Cântico dos Cânticos vêm de uma tribo, ou tribos, do norte.

As ostraca de Samaria, segundo Young, não têm nenhum elemento decisivo para a identificação do hebraico israeliano<sup>211</sup>, mas, quanto a Oseias, ele destaca que não é

---

<sup>207</sup> Tais como, proveniência do suposto autor ou autores; lugar de origem da obra ou texto dentro de obra maior etc.

<sup>208</sup> Groom, *Linguistic Analysis*, p. 36.

<sup>209</sup> *Diversity*, p. 165-168.

<sup>210</sup> A questão do suposto argumento circular na identificação de traços nortistas a partir de, e para, um cântico ou outro. Onde exatamente esse dialeto teria se originado. Os traços identificados seriam próprios da principal tribo do norte, Efraim? Ou seria o dialeto de Issacar, tribo com a qual Débora e Baraque são identificados no cântico (v. 15)? Se se trata do bloco de todas as tribos do norte, por que esses traços dialetais não aparecem no restante do hebraico bíblico antigo?

<sup>211</sup> Ao contrário de estudiosos que veem nelas elementos definidores de dialeto nortista. Cross e Freedman (apud Young, *Diversity*, p. 166,167), pelo estudo das características ortográficas de 2Samuel 22, destacaram sua escrita mais defectiva como critério de dialeto nortista, o que se aplicaria também às

adequado entrar pelo caminho da emenda textual para resolver suas inúmeras dificuldades,<sup>212</sup> e sim, primeiro, reconhecer que a dificuldade é produto de nossa ignorância do pano de fundo dialetal peculiar desse livro.<sup>213</sup>

Uma das dificuldades é que, embora se destaque que seu pano de fundo dialetal é diferente do dos outros profetas, não temos um corpus mais amplo no qual possamos situá-lo. Então, os textos desses profetas, Oseias e Amós, usaram a mesma língua literária padrão usada no sul,<sup>214</sup> mas, com certeza, temos neles representações de traços de diferentes *strata* encontrados no hebraico do norte.

O ideal é usar os quatro critérios para cada suposto item de hebraico israeliano, mas isso nem sempre é possível por causa da escassez de evidência. Às vezes, só um ou dois desses critérios estará presente<sup>215</sup>. Mas isso, segundo G. A. Rendsburg, é sempre devido a falta de evidência e não a evidência contraditória.

## 5. Elementos concretos diferenciadores

E. Y. Kutscher<sup>216</sup> apresenta, sem endossar, de forma geral os seguintes traços tidos como indicadores de um dialeto diferenciado no norte.

Primeiro, o famoso caso *shibōlet-sibōlet*,<sup>217</sup> a contração do ditongo, como na palavra שִׁבְלֵת (= שִׁבְלֵת), o caso do pronome relativo שֶׁ (nortista) oposto ao אֲשֶׁר

---

ostraca de Samaria. Segundo Young, formas defectivas são encontradas por todo o texto do Antigo Testamento.

Mesmo assim, Anderson e Freedman (*Hosea*, p. 67) afirmam que, “embora nosso conhecimento dos dialetos do hebraico falado em Israel no período da monarquia são ainda parcos, materiais epigráficos como as ostraca de Samaria fornecem alguns controles”.

<sup>212</sup> “Oseias é o único profeta escritor nativo do reino do norte. Seu livro tem também um dos mais altos números de passagens consideradas ininteligíveis no Antigo Testamento”, o que apontaria para as diferenças linguísticas resultantes do dialeto israeliano. Essa explicação, quanto à influência de outras línguas, também é usada em relação ao livro de Jó.

<sup>213</sup> Na opinião de G. R. Driver (*apud* Young, *Diversity*, p. 76), “muitas das formas e expressões anômalas do Antigo Testamento não deveriam ser meramente emendadas como erros de escrita mas deveriam ser vistas como coloquialismos imiscuindo-se na língua literária”.

<sup>214</sup> “Essa língua se originou nos dias da monarquia unida e foi transmitida como o dialeto intermediário não só do sul, mas também do norte.” (Young, *Diversity*, p. 168)

<sup>215</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 27.

<sup>216</sup> *A History of the Hebrew Language*, p. 70.

(sulista) e a pronúncia שׁוֹא da segunda pessoa singular feminina. Esses são só alguns exemplos.

G. A. Rendsburg em seus estudos e, principalmente, em “A Comprehensive guide to Israelian hebrew: grammar and lexicon”, elenca muitos outros, conforme se pode ver na seguinte classificação representativa:

#### a- Fonologia

Um exemplo envolvendo consoantes é a mudança da consoante protossemitica ט para שׁ em hebraico mas para שׁ em aramaico e siríaco e também no hebraico israeliano,<sup>218</sup> como em Oseias 12.2 (profeta do norte).<sup>219</sup>

Também típica do(s) dialeto(s) do norte é a contração de ditongos, como, por exemplo, שׁוֹא em lugar de שׁוֹא “de onde” (2Rs 5.25 ketiv).<sup>220</sup>

A forma contraída, שׁוֹא, é comum nos ostraca de Samaria<sup>221</sup>, tendo como correspondente em hebraico bíblico padrão a forma plena, שׁוֹא.<sup>222</sup>

#### b- Morfologia

A forma ט- em substantivos femininos no singular (ocorre em amonita, moabita e inscrições de Deir ‘Alla) que aparece, por exemplo, em 2Reis 9.17

---

<sup>217</sup> A história por trás do caso é registrada no livro de Juízes, cap. 12.1-6.

Em uma guerra entre efraimitas (de Efraim, tribo do norte) e gileaditas (representantes das duas e meia tribos da Transjordânia), os gileaditas derrotam os efraimitas, e assumem o controle das passagens do rio Jordão. Para capturar os efraimitas em fuga que tentavam chegar a seu próprio território de origem, os sentinelas pediam a cada pessoa que quisesse cruzar o rio para dizer a palavra שׁוֹבֵלֶת [shibōlet]. Os efraimitas, que não tinham som sh em seu dialeto, ou, como diz o texto, “porque não podia pronunciá-lo bem” (GORODOVITS, Davi e FRIDLIN, Jairo. *Bíblia Hebraica*), pronunciavam a palavra como שׁוֹבֵלֶת [sibōlet], sendo então descobertos como efraimitas e em seguida degolados.

<sup>218</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 109.

<sup>219</sup> Rendsburg, “A Comprehensive guide”, p. 11.

<sup>220</sup> Fenômeno muito comum em português falado. Por exemplo, *ouro* → *oro*.

<sup>221</sup> Infelizmente, elas fornecem somente um número limitado de palavras e frases (Groom, *Linguistic Analysis*, p. 37)

<sup>222</sup> Schniedewind e Sivan, “The Elijah-Elisha narratives”, p. 333.



em שִׁפְעָת, “multidão”, e outras passagens (Sl 16.5; 74.19; 132.4) poéticas com grande concentração de elementos de hebraico israeliano.<sup>223</sup>

E a terminação וֹת-, como em חִכְמוֹת, “sabedoria”, (em Pv 1.20) etc., marcando terminação nominal feminina singular (não plural!), aparece em um poema que sem dúvida é do norte e em um livro, Provérbios, com muitas influências fenícias.<sup>224</sup>

Esses dois exemplos são clara evidência de uma oposição entre hebraico israeliano e hebraico de Judá (sendo a forma corresponde הַ).<sup>225</sup>

A forma plural padrão do hebraico שִׁי אֵי é אֲנָשִׁים, com base em outra raiz [אנא],<sup>226</sup> mas por três vezes aparece a forma incomum, e esperada, אִישִׁים, “homens” (Sl 141.4), correspondente ao fenício 'šm. Ela ocorre ainda em Provérbios 8.4 (texto nortista) e em Isaías 53.3. Pode-se crer que essa forma era a comum no Reino do Norte.<sup>227</sup>

### c- Sintaxe

Uso do infinitivo absoluto<sup>228</sup> com pronome pessoal separado onde se esperaria um verbo finito, i.e., o infinitivo absoluto sendo usado como um tempo narrativo<sup>229</sup>, como acontece em ugarítico e fenício e nas cartas de Amarna.

Por exemplo, em Neemias 9.8 (um texto em hebraico israeliano) וְכָרוֹת עָמַרְתָּ עִמּוֹ הַבְּרִית (“e tu [fazer] fizeste um pacto com ele”).<sup>230</sup>

O construto com plural duplo,<sup>231</sup> que é comum nas cartas de Amarna, em ugarítico, fenício, na inscrição de Deir ‘Alla e no hebraico mishnaico,

---

<sup>223</sup> Rendsburg, “Strata”, p. 89.

<sup>224</sup> Rendsburg, “Strata”, p. 90.

<sup>225</sup> Rendsburg, “Strata”, p. 90.

<sup>226</sup> cf. Koehler-Baumgartner, *Lexicon*, p. 40

<sup>227</sup> Rendsburg, “Strata”, p. 90,1; id., “Morphological Evidence”, p. 85.

<sup>228</sup> O infinitivo, construto ou absoluto, expressa a ideia básica do verbo sem as limitações de pessoa, gênero e número.

<sup>229</sup> Um tempo que estabelece uma relação temporal entre acontecimentos, como o pretérito ou o futuro.

<sup>230</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 171. Rendsburg, “A Comprehensive guide”, p. 22.

aparece no salmo 29.1 (בְּנֵי אֱלֹהִים “filhos dos deuses” = divindades) e em vários outros salmos israelianos e também em 2Reis 15.25 (בְּנֵי גִלְעָדִים = “gileaditas”) e Cântico dos Cânticos 1.17 (קָרוֹת בְּתֵינֹהוּ = “vigas de nossas casas”), todos textos israelianos.<sup>232</sup>

#### d- Léxico/vocabulário

A raiz פלס, “pesar, tornar plano, endireitar” (Is 26.7 etc.) é relativamente rara em hebraico, mas comum nas línguas semíticas do norte de Israel (fenício, ugarítico, amorita). De todas as suas seis ocorrências apenas uma é em um contexto decididamente judaíta (Is 26.7),<sup>233</sup> o que confirma que trata-se de um verbo característico do hebraico israeliano.

O substantivo masculino אָהַב “amor, objeto amado” ocorre em Oseias 9.10, e sua única outra ocorrência é em Provérbios 7.18, um texto claramente nortista. Essa distribuição aponta אָהַב como um traço de hebraico israeliano.<sup>234</sup>

## 6. Conclusão

A conclusão é que é altamente provável a existência de pelo menos um dialeto do hebraico no Reino do Norte.

Segundo Ian Young,<sup>235</sup> há um bom fundamento para se considerar como certa, no mínimo, a existência de uma língua falada nos tempos bíblicos que continha muitos dos traços coloquiais do hebraico mishnaico.

---

<sup>231</sup>Rendsburg, “Hurvitz redux”, p. 10, 11. “O termo ‘cadeia construída com plural duplo’ refere-se aos casos em que os dois elementos da cadeia ocorrem no plural, embora pela lógica e pela gramática do hebraico bíblico padrão, um ou outro dos elementos deveria estar no singular.” Por exemplo, no caso de בְּנֵי גִלְעָדִים (“filhos de Gileades”) a forma “normal” e esperada é בְּנֵי גִלְעָד = gileaditas (“filhos de Gileade”).

<sup>232</sup>Rendsburg, “A Comprehensive guide”, p. 21.

<sup>233</sup>Rendsburg, “A Comprehensive guide”, p. 30.

<sup>234</sup>Rendsburg, “A Comprehensive guide”, p. 25. Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 114-5.

<sup>235</sup>*Diversity*, p. 78.

A pequena quantidade de evidência apontada por alguns autores<sup>236</sup> é, não obstante, suficiente para se considerar esse chão como seguro.<sup>237</sup> Mesmo que a teoria ainda esteja em processo de aprimoramento, há um *corpus*, há uma metodologia e avaliação e crítica constantes dos resultados em uma bibliografia em expansão.<sup>238</sup>

Quanto à sua presença em Oseias, Yoo<sup>239</sup> encontra traços do hebraico israeliano em todos os capítulos de Oseias. Só quanto ao léxico são trinta e quatro casos de substantivos e adjetivos e vinte e cinco casos de verbos. Mas também há casos de fonologia (consoantes e vogais), ortografia (escrita defectiva de preposição), morfologia (pronomes, substantivos, verbos e partículas), pares de palavras (compartilhados com aramaico ou ugarítico) e questões sobre nomes e epítetos divinos e expressão idiomática.<sup>240</sup> Disso ele conclui que “o quadro geral aponta sem dúvida para uma origem nortista para o livro de Oseias, “como fica refletido em sua gramática e léxico”.<sup>241</sup>

Rendsburg<sup>242</sup> lista pelo menos trinta e cinco casos do que acredita ser hebraico israeliano em Oseias.<sup>243</sup>

---

<sup>236</sup> Como destacado por Groom, *Linguistic Analysis*, p. 38.

<sup>237</sup> Conforme o julgamento dos estudiosos citados na nota seguinte, por exemplo.

<sup>238</sup> Destaque para 3 teses de doutorado sobre o tema:

WOLFE, Gregory Alan, *Non-Judahite Dialects Within the Hebrew Bible: an avaluation of the methods and evidence*. Dissertação de Ph.D., Southern Baptist theological Seminary, 1997.

YOO, Yoon Jong, *Israelian Hebrew in the Book of Hosea*. Dissertação de Ph.D. Cornell University, 1999.

CHEN, Y., *Israelian Hebrew in the Book of Proverbs*, Dissertação de Ph.D. Cornell University, 1999.

<sup>239</sup> Yoo, *Israelian Hebrew in the book of Hosea*.

<sup>240</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 183-187.

<sup>241</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 182.

<sup>242</sup> “A Comprehensive guide”, p. 10-31.

<sup>243</sup> Análise mais detalhada dos traços morfológicos do hebraico israeliano, Rendsburg apresenta em “Morphological evidence for regional dialects in Ancient Hebrew”, p. 71-85.

## IV - Estudo de casos selecionados

Os casos foram selecionados em função de um cruzamento de variantes textuais registradas na BHS e passagens em que o dialeto nortista de Oseias foi detectado (hebraico israeliano) exatamente na variante citada. Como já visto no capítulo II, o número de variantes é muito maior do que esses dez casos mostram, assim como o número de casos de nortismos em Oseias, como visto em Yoo e Rendsburg. Isso significa que o cruzamento mencionado é bastante limitado às possibilidades dessa dissertação e pode conduzir apenas a conclusões também limitadas. É no entanto um primeiro passo para um estudo baseado no cruzamento de todos os casos de variantes textuais em Oseias com todos os casos de detecção de dialeto nortista no mesmo livro, juntando-se a isso a aplicação de todos os critérios internos e externos de crítica textual na avaliação das possibilidades.<sup>244</sup>

Para cada caso são alistadas algumas versões antigas e modernas para destacar onde e quando elas diferem do que seria uma tradução literal<sup>245</sup> do texto da BHS,<sup>246</sup> e destacar que suas eventuais diferenças se baseiam na opção que fizeram quanto à variante em questão. Uma diferença nas versões pode também ser resultado de uma reconstrução do texto feita por um editor do texto crítico da Bíblia Hebraica ou por um comentarista defrontando-se com um texto difícil.

É de se notar que as opções de leitura apresentadas nos comentários especializados, geralmente na seção “Soluções propostas”, costumam diferir em maior grau da tradução literal do Texto Massorético. Nesses comentários, as traduções

---

<sup>244</sup> Este último passo, a avaliação segundo todos os critérios da crítica textual, seria um complemento da tarefa, não sua base ou primeiro passo, como poderia parecer à primeira vista, pois o que se discute aqui não é se uma certa variante atende a todos os, ou à maioria dos, requisitos de melhor opção quanto ao texto original, mas se aquilo que se está propondo mudar por emenda etc. é verdadeira língua hebraica ou não.

<sup>245</sup> Não há consenso sobre a definição de “tradução literal”. Aqui, a expressão é usada no sentido de uma tradução feita, na medida do possível, palavra por palavra, numa forma próxima à do original hebraico quanto a vocabulário e construção da frase.

<sup>246</sup> Traduções literais baseadas, principalmente, na versão ARC (Almeida Revista e Corrigida), McComiskey e *Interlinear Bible* de Green.

procuram apresentar o sentido sem preocupação de ordem estética ou de clareza imediata. Na medida do possível, apresentam-se os motivos de suas opções por essa ou aquela emenda.

A tendência das propostas de soluções, que não se limita aos casos aqui contemplados, é emendar o texto, seja recorrendo-se à reconstrução, revocalização, redivisão, cognatos em línguas aparentadas etc. De encontro a essa tendência vão os estudos do hebraico israeliano em Oseias, pois, por esta ótica, pode-se detectar o fundamento na língua hebraica da forma “anômala”, da palavra desconhecida e da sintaxe supostamente anormal. Sendo assim, a seção denominada “hebraico israeliano” resume a contribuição desses estudos para solução textual definida e, como se verá, tende a confirmar a tradição textual recebida.<sup>247</sup>

Esse caminho não necessariamente torna o texto mais facilmente interpretável. Mas não é esse seu objetivo, pois a etapa da interpretação é posterior à do estabelecimento do texto a ser interpretado.<sup>248</sup>

## 1) Oseias 2.14 (12)

וְהִשְׁמַתִּי בַּבַּיִת וּתְאֵאֲנֹתֶיהָ אֲשֶׁר אָמְרָה אֶתְנָהּ לִי אֲשֶׁר נִתְּנוּ-לִי מֵאֲהָבָי  
וְשִׁמְתִים לְיַעַר וְאֶכְלֹתֶם חֵיט הַשָּׂדֶה:

### Tradução literal

E devastarei a sua vide e a sua figueira, que ela diz: Elas são meu pagamento que me deram os meus amantes; e as colocarei por bosque, e as devorarão os animais do campo.

### Questão textual

BHS propõe a substituição de אֶתְנָהּ por אֶתְנָן.

---

<sup>247</sup> Grande parte do que é dito na seção “Hebraico israeliano” baseia-se no que foi discutido no capítulo III, sobre a existência ou não de um dialeto hebraico específico para o Norte. Os argumentos lá devem ser tidos em mente e não serão necessariamente citados em notas.

<sup>248</sup> Esse, aliás, é o motivo de a crítica textual ter sido chamada por muito tempo de “baixa crítica”, isto é, análise da base, em oposição à “alta crítica”, isto é, a crítica literária (aí incluída a interpretação).

## Traduções bíblicas<sup>249</sup>

Bíblia Hebraica (em português): “é a paga que me davam”.

JPS TANACH Translation: “que ela pensa serem um pagamento que recebeu”.

BJ: “Este é o pagamento que me deram”.

TEB: “eis o salário que me deram”.

ACF: É esta a minha paga que me deram [...]

ARA: “Esta é a paga que me deram”.

NVI: “foi pagamento recebido de seus amantes”.

NTLH: “que ela disse que recebeu como pagamento”.

LXX Brenton: “Essas são meu salário”.

LXX NETS: “essas são meu pagamento”.

## Soluções propostas

תַּחְנִיחַ é um *hapax legomenon*<sup>250</sup>. Esse fato cria problemas específicos para a solução da questão textual, mas, como se verá, em Oseias isso é frequente. Wolff traduz תַּחְנִיחַ como “pagamento de prostituta”<sup>251</sup>. Ele entende que essa forma deriva de “pagar salário de prostituta”, “prostituir-se” (תָּנַח) <sup>252</sup>. A forma תַּחְנִיחַ poderia ser apenas uma forma variante de תַּחְנִיחַ, por sua vez, uma palavra comum para “pagamento de prostituta” (Os 9.1 etc.).<sup>253</sup>

---

<sup>249</sup> Todas as versões estrangeiras foram traduzidas ao português de forma literal, pois o objetivo único é evidenciar a resultante variação na tradução a partir de opções assumidas sobre a forma original do texto.

<sup>250</sup> *hapax legomenon*, lit. “contado ou dito uma só vez”, é o termo técnico usado pela crítica textual para designar o vocábulo ou expressão que aparece uma única vez ao longo de uma determinada obra literária. Cf. Francisco, *Manual*, p. 625.

<sup>251</sup> Wolff. *Hosea*, p. 38.

<sup>252</sup> Wolff. *Hosea*, p. 38.

<sup>253</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 48.

Stuart pensa que é um termo inventado por Oseias como anagrama/aliteração de figueira (תִּיאֲנָה) no mesmo versículo<sup>254</sup>. Como a raiz pode ser a mesma תָּנָה (*pagamento* de prostituta), ou não, pois Macintosh entende que “é concebível que Oseias (‘cientificamente’ ou não) proponha com o jogo de palavras neste versículo ligar a palavra com a raiz תָּנָה<sup>255</sup> (תָּנָה → presente). Se for esse o caso, Oseias poderia querer evitar nesse ponto a metáfora da prostituição.<sup>256</sup>

Macintosh então traduz o trecho como “Elas (‘a vide e a figueira’) são um *presente* para mim”. McComiskey concorda com essa tradução, ou pelo menos com essa linha interpretativa, pois, para ele, “talvez a ideia básica do verbo seja pagar por favores. Se for assim, o uso do substantivo תִּיאֲנָה aqui para se referir a presentes dados a uma adúltera por seus favores é apropriado”.<sup>257</sup>

Andersen e Freedman pensam que o pagamento são filhos<sup>258</sup>, mencionados em 2.4 etc. Sua tradução: “Eles são meus pagamentos, que meus amantes me pagaram”<sup>259</sup>. Especificamente sobre *pagaram* eles afirmam que “essa tradução é “preferida à mais literal ‘deram’ para combinar com o objeto ‘pagamentos’, etc.<sup>260</sup> A palavra relacionada *étman*, que ocorre na frase “pagamento de prostituta” (Dt 23.19; Mq 1.7), que estabelece seu significado, é conhecida também de Oseias (9.1). O fato de que Oseias evita o termo comum para pagamento de prostituta, bem como o termo para prostituta ao falar da mulher, indica, segundo Andersen e Freedman<sup>261</sup>, que ela não preenchia essa função, pelo menos não profissionalmente.

À ideia de Stuart e outros, mencionada acima, de que a variante única usada aqui seja uma cunhagem de Oseias, Andersen e Freedman contrapõem o fato de que ela reverte um padrão que já ocorre em נִאֲפֹרְיָהּ (Os 2.4), de duplicação da consoante final da raiz (cf. Os 4.12).<sup>262</sup> Eles chamam ainda a atenção para *meu (pagamento)*,

---

<sup>254</sup> Stuart. *Hosea-Jonah*, p. 52.

<sup>255</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 64.

<sup>256</sup> Cf. Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 254.

<sup>257</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 39.

<sup>258</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*. p. 254.

<sup>259</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*. p. 5.

<sup>260</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*. p. 255.

<sup>261</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*. p. 254.

<sup>262</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*. p. 254.

literalmente, pagamento “para mim”, lembrando que a construção “um pagamento para mim” tem uma nuance que não seria realizada se um sufixo pronominal possessivo tivesse sido usado, o que implicaria “meu salário/honorário” (“quanto eu cobro” [preço?]) ou enfatizaria a posse após recepção. O repetido לִי (נְתַנּוּ) לִי (אֶתְנָה...) retém a ideia de uma doação ou recompensa que seria separada da transação de contratar uma prostituta.<sup>263</sup> Se, entretanto, o significado é como em 2.7 [...] os sufixos pronominais são dativos. Aqui, por outro lado, um benefactivo (“para mim”) é o caso.<sup>264</sup>

Garrett traduz “essas são minhas recompensas”, interpretando que “ela – Israel – realmente acreditava que estava praticando princípios sadios de religião e que estava recebendo as recompensas apropriadas”<sup>265</sup>.

Note-se que, como exemplo, em português, a tradução *salário* mudaria a tradução de *natan* de *deram* para *pagaram*, daí, há traduções um pouco diferentes no contexto mais amplo.

### Hebraico israeliano

Como vimos, as várias opções nessa pequena amostra são tentativas de solucionar um problema percebido no Texto Massorético. É possível que até a opção que mantém o texto, mas que ao mesmo tempo o explica como neologismo de Oseias, seja desnecessária.

אֶתְנָה é uma forma variante (por analogia com outras palavras hebraicas, p.ex., זָכַה e זָכָה “ser puro”<sup>266</sup>) de אֶתְנַן, as duas formas sendo israelianas pela distribuição<sup>267</sup>

---

<sup>263</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 84 nota: “enquanto Wolff sem dúvida está certo quanto à presença de jogo de palavras, estou inclinado a concordar com Andersen e Freedman (*Hosea*, 254) de que a rejeição de um termo que simplesmente significa pagamento de prostituta é deliberada. Não devemos permitir que a metáfora sexual domine o texto inteiramente, ou podemos perder seu significado mais profundo.”

<sup>264</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 254.

<sup>265</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 84.

<sup>266</sup> G. R. Driver, *apud* Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 49.

<sup>267</sup> A distribuição é o que leva Morag, ele nota que תְּנָה ocorre somente em conexão com o norte, a concluir que o uso de Oseias é dialetal. Cf. Macintosh, *Hosea*, p. 63.



(só ocorrem em textos nortistas, com 2 prováveis exceções) e fontes extrabíblicas (ugarítico *itmn-* dom, presente).<sup>268</sup>

Qual seria então o motivo da escolha de uma forma variante antes que da forma mais comum? Segundo Yoo<sup>269</sup>, é evidentemente pela aliteração com תְּאִנְתָּהּ, “sua figueira”, em 2.14a. Essa aliteração não seria, como se poderia pensar, por um neologismo, já que a própria אִתְּנָה sugere que ela também é nortista, como visto no parágrafo anterior.<sup>270</sup>

## 2) Oseias 4.18<sup>271</sup>

כָּר סְבָאָם תְּזַנְגָה הַזְּנוּי אֶת־בְּוֹ הַבֵּי קָלוֹן מְגִנִּיָּהּ:

### Tradução literal

Acabou a bebida deles; realmente se prostituem; certamente amam a vergonha os escudos dela.

### Questão textual

BHS sugere que possivelmente (frt l) מְגִנִּיָּהּ deva ser lido como גְּנִיָּהּ (קָלוֹן), cuja tradução seria então ‘a vergonha de seus jardins’.

### Traduções bíblicas

Bíblia Hebraica (em português): “e serão envergonhados por oferecer sacrifícios idólatras”

JPS TANACH Translation: “Vergonha é o ‘presente’ ”.

---

<sup>268</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 50.

<sup>269</sup> *Israelian Hebrew*, p. 50.

<sup>270</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 50.

<sup>271</sup> Segundo Stuart (*Hosea-Jonah*, p. 72) “o texto de 17b-18 é muito problemático. Qualquer tradução envolve conjectura. E, na p. 86, diz que “o versículo apresenta tantos problemas que qualquer reconstrução deve ser altamente especulativa”. A *La Bible d’Alexandrie* acrescenta que “tanto o Texto Massorético quanto a LXX são muito difíceis e têm dado lugar a muitas correções textuais”. p. 94.

COHEN-ROSENBERG: “os governantes dela profundamente amam a vergonha”.

BJ: “seus chefes preferem a ignomínia”.

TEB: “seus chefes gostam de provocar a infâmia”

ACF: “certamente os seus governadores amam a vergonha”.

ARA: “os seus príncipes amam apaixonadamente a desonra”.

NVI: “seus governantes amam profundamente os caminhos vergonhosos”.

NTLH: “levando assim uma vida de desonra”

LXX Brenton: “amaram a desonra por meio da insolência dela (de uma mulher?)”.

LXX NETS: “amam a desonra por causa da insolência dela (da desonra)”.

La Bible d’Alexandrie: “amaram a desonra devido à arrogância deles”.

### Soluções propostas

Note-se primeiramente que a “palavra hebraica para ‘governantes’ poderia ser, cf. BHS, LXX φρουράματος [insolência], prp מְגִנָּיִם; por influência da Peshita, foi sugerida também a emenda מְגִנֵּי. Macintosh, aliás, informa que essa é uma opção comum (p. ex., Houtsma, Grätz e NEB), isto é, ler מְגִנָּיִם seguindo a leitura da LXX φρουράματος ← מְגִנָּיִם, “eles preferiram a ignomínia à glória deles”.<sup>272</sup> A vulgata tem ‘seus defensores’, ‘governantes’.

Stuart traduz como “eles realmente amam a vergonha da insolência!” lendo מְגִנָּה ‘insolência’ em lugar do Texto Massorético מְגִנֵּי ‘seus escudos’.

Para Jerônimo e os comentaristas rabínicos (Ibn Janah, Rashi, Ibn Ezra e Kimchi) a palavra (traduzida lit. como ‘escudos’<sup>273</sup>) denota os reis e príncipes do povo.<sup>274</sup> O sentido da frase seria então: ‘seus governantes são vergonha, ignomínia’.<sup>275</sup> G. R. Driver entende que a palavra está ligada ao árabe *mgn* e especificamente ao

---

<sup>272</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 171,2.

<sup>273</sup> É uma opinião comum que a palavra *escudos*, aceito o texto como nos chegou, “refere-se a líderes (SI 89.19 [18])”, cf. McComiskey, *Hosea*, p. 73.

<sup>274</sup> Apud Macintosh, *Hosea*, p. 171.

<sup>275</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 171.

adjetivo *magin*, “sem vergonha”, “insolente”, daí ele traduz por “seus impudentes amam a vergonha”.<sup>276</sup>

C. Rabin entende que a palavra, pontuada, deriva de um substantivo *mgn* com o significado de ‘recompensa, presente’, com o que ele compara evidência fenícia e aramaica. Daí, sua tradução é ‘vergonha é a recompensa que se segue’.<sup>277</sup>

Macintosh, seguindo Morag, traduz por ‘liteira’, segundo ele, uma tradução apropriada ao contexto em que o amor sexual é descrito. A raiz נגן é atestada com o sentido de ‘cobrir’ daí as noções de proteção e segurança. [...] os cognatos aramaicos, גנן, גנן, גנני, todos denotam ‘liteira’ ‘área cercada’.<sup>278</sup>

Wolff traduz קלון מְגַנִּיהָ como “a desonra da vergonha”<sup>279</sup>, e nota que “o sufixo de terceira pessoa feminina sem antecedente poderia se uma leitura incorreta da terminação plural ים-”.

Garrett propõe como “tradução literal (com uma emenda<sup>280</sup>) “os escudos dela absolutamente amam a vergonha”<sup>281</sup>, e (com uma segunda emenda menor<sup>282</sup>) ‘eles absolutamente amam a vergonha dos escudos dela’.

### Hebraico israeliano

Rabin, Morag e Macintosh apelam a cognatos e evidência externa para sua tradução e interpretação. Eles optam, assim, por não emendar o texto. Nessa linha, pode-se argumentar que a forma do Texto Massorético é a original, com base no hebraico israeliano.

---

<sup>276</sup> Apud Macintosh, *Hosea*, p. 171.

<sup>277</sup> Apud Macintosh, *Hosea*, p. 171.

<sup>278</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 170.

<sup>279</sup> Wolff, *Hosea*, p. 73. Isso significa “Israel não será separado da desonra dos sacerdotes”, p. 91.

<sup>280</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 138 nota: “a melhor explicação é que אֶהְרֹב אֶהְרֹב deva ser emendado para אֶהְרֹב אֶהְרֹב (“eles absolutamente amam”).”

<sup>281</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 138 nota: “sem emenda o texto lê: ‘eles amam – dai desgraça! – os escudos dela’.

<sup>282</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 138 nota: “para isso seria preciso emendar קלון para קלון, uma forma construta. A motivação para essa emenda é que é um pouco incomum para um sujeito ficar separado de seu verbo pelo objeto”.

Quanto à distribuição, “o verbo מָגַן “dar, conceder” é atestado em Pv 4.9 e nós o encontraremos também em Os 11.8. A única ocorrência no hebraico de Judá é em Gn 14.20. Em ugarítico, *mgn* é usado como verbo significando “prover (de presentes)” [...] o verbo *mgn* “oferecer” aparece em fenício; o substantivo *mgn* “presente” é atestado em púnico e em aramaico palmireano. Assim, o quadro geral de distribuição apoia a descoberta de que מָגַן “presente” representa um traço do hebraico israeliano.”<sup>283</sup>

Também nesse caso, apesar da grande variação nas traduções bíblicas e nos comentários especializados, o Texto Massorético pode ser lido como se apresenta e a tradução, com base nessa opção, deve ser próxima da apresentada pela JPS.

### 3) Oseias 5.13

וַיֵּרָא אֶפְרַיִם אֶת-חַלְיוֹ וַיְהוּדָה אֶת-מַזְרוֹ וַיִּלְךְ אֶפְרַיִם  
אֶל-אַשּׁוּר וַיִּשְׁלַח אֶל-מֶלֶךְ יָרֵב וְהוּא לֹא יוּכַל לְרַפֵּא לָכֶם  
וְלֹא-יִגְדֹּה מִכֶּם מְזֹר:

#### Tradução literal

E viu Efraim a sua enfermidade, e Judá a sua ferida, e foi Efraim à Assíria e enviou ao rei Jarebe; mas ele não poderá sarar-vos, nem **curará** de vós ferida.

#### Questão textual

BHS sugere que provavelmente יִגְדֹּה deva ser lido como יִגְדֹּה.

#### Traduções bíblicas

Bíblia Hebraica (em português): “nem removerá sua dor”.

JPS TANACH Translation: “não curará vocês de suas feridas”.

BJ: “nem sarar a vossa ferida”.

TEB: “nem vos livrar da vossa ferida”

---

<sup>283</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 64.

ACF: “nem curar a vossa chaga”.

ARA: “nem sarar a sua chaga”.

NVI: “nem pode sarar os seus tumores”.

NTLH: “nem fazer sarar os seus ferimentos”.

LXX Brenton: “sua dor de jeito nenhum vai cessar de você”.

LXX NETS: “e a dor não desistirá de você”.

La Bible d’Alexandrie: “e a dor não vos deixará”.

### Soluções propostas

Mais um caso em que temos um *hapax legomenon*. A emenda da BHS é descrita por Andersen e Freedman nos seguintes termos: “Um hiphil (\**yagheh*) seria transitivo, e tem sido sugerido como emenda, mas sem muita base.”<sup>284</sup>

A palavra traduzida como ‘curará’ (יִגְדֹּהוּ) poderia ser entendida como ‘libertar de’ ‘livrar de’ etc., o fato de ser um *hapax legomenon* faz com que, geralmente, seu sentido seja procurado em outro lugar, nesse caso, no sentido do verbo paralelo no texto, רָפָא ‘curar’.<sup>285</sup>

Rashi supõe que o correto é ‘remover’ e chega a isso comparando com o verbo נָגַהּ II (BDB, p. 212), entendendo o verbo aqui (גִּדְהוּ) como uma sua variante.<sup>286</sup>

A tradução de Andersen e Freedman: “e ele não pode curar a infecção de nenhum de vocês”<sup>287</sup>, se baseia nas seguintes considerações: sendo יִגְדֹּהוּ um *hapax legomenon*, a tradução é baseada em um paralelismo poético. O verbo tem dois objetos, diferente do precedente, לְרַפְּאֵל, que não tem nenhum; desde que רָפָא pode ter ou o paciente ou a doença como seu objeto gramatical, seu objeto elíptico deve ser הַלֵּל // מְזוֹרָר enquanto seu benefactivo, לְכֶם, combina com o partitivo מִכֶּם, “qualquer um de vocês”, aqui [...] a etimologia de גִּדְהוּ sugere um verbo intransitivo, com doença como o sujeito — “a ferida não removeu de você”. Isso frustra a simetria do bicolon, e desvia a

<sup>284</sup> Andersen e Freedman. *Hosea*, p. 414.

<sup>285</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 210.

<sup>286</sup> Cf. Macintosh, *Hosea*, p. 210.

<sup>287</sup> Andersen e Freedman. *Hosea*, p. 411.

tenção do fracasso dos assírios em curar as doenças de Israel [...] o objeto implícito do primeiro verbo (doença) pode ser sujeito do segundo verbo.<sup>288</sup>

A LXX tem uma tradução em que a doença é sujeito. Isso deve ter acontecido porque o tradutor grego “sem dúvida não conhecendo o verbo raro  $\text{קָרַח}$ , traduziu segundo o sentido”.<sup>289</sup>

### Hebraico israeliano

McComiskey registra que  $\text{קָרַח}$  tem o sentido de “ser liberto de”, conforme analogia do cognato aramaico.<sup>290</sup> Esse fato aponta para o hebraico israeliano, pois, quanto à distribuição “a raiz *ghh* ocorre em outro lugar só em Pv 17.22 como uma forma substantival com o sentido de “cura”, segundo Ibn Ezra e Kimchi.<sup>291</sup>

Portanto a distribuição na Bíblia e o cognato siríaco (em siríaco *gh'* denota “voar, escapar”, especialmente de dores ou males físicos ou mentais) fazem da raiz  $\text{קָרַח}$  um traço de hebraico israeliano.<sup>292</sup> Macintosh vai nessa linha quando diz que “o sentido mais bem atestado é provavelmente o indicado pelo cognato siríaco”.<sup>293</sup>

Vê-se, então, que a forma *qal* pode ser mantida sem emenda; não é preciso alterá-la para *hiphil* porque seu sentido *qal* transitivo<sup>294</sup> se encaixa no contexto.

---

<sup>288</sup> Andersen e Freedman. *Hosea*, p. 414

<sup>289</sup> *La Bible d'Alexandrie*, p. 103.

<sup>290</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 85.

<sup>291</sup> *Apud* Macintosh, *Hosea*, p. 210.

<sup>292</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 73.

<sup>293</sup> *Hosea*, p. 210.

<sup>294</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 210. “*Qal* pode ter um sentido transitivo.”

#### 4) Oseias 6.9<sup>295</sup>

וּכְחָכְרִי אִישׁ גְּדוּדִים חָבֵר כְּהֲנִים דָּרָךְ יִרְצָחוּ-וְשָׁכְמָה כִּי זְמָה עָשׂוּ:

#### Tradução literal

**E como esperam** um homem bandos de ladrões a companhia dos sacerdotes matam no caminho para Siquém, pois abominação eles cometeram.

#### Questão textual

BHS sugere que possivelmente (frt l) וּכְחָכְרִי deva ser lido como כְּחָבֵא ou כְּחָבֵר

#### Traduções bíblicas

Bíblia Hebraica (em português): “Como bandos de salteadores aguardam uma vítima”

JPS TANACH Translation: “Igual a uma emboscada de bandidos”.

BJ: “Como bandidos em emboscada”

TEB: “Como bandidos em emboscada”

ACF: “Como as hordas de salteadores que esperam”.

ARA: “Como hordas de salteadores que espreitam”.

NVI: “... ficam de emboscada à espera de um homem”.

NTLH: “... que esperam escondidos para roubar”.

LXX Brenton: “e a tua força é como a de um assaltante”.

LXX NETS: “e tua força é como a de um homem, um assaltante”.

#### Soluções propostas

Numa rápida olhada nas versões fica evidente a diferença específica da LXX: “e a tua força é como a de um assaltante”. Aparentemente ela lê כְּחָכְרִי כִּי; além disso, a LXX liga a frase com o versículo anterior.<sup>296</sup> Para *La Bible d’Alexandrie*, “as diferenças

<sup>295</sup> “Este versículo tem sido considerado muito corrompido e um grande número de emendas tem sido proposto.” Macintosh, *Hosea*, p. 245.

<sup>296</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 244.

entre Texto Massorético e a LXX se explicam por uma leitura diferente da *vorlage*, que correspondia sem dúvida às consoantes do Texto Massorético. Essa leitura consiste em interpretar a primeira palavra, segundo o Texto Massorético o infinitivo absoluto do verbo **הָכַח** pi'el, “esperar”, como o substantivo **כַּח** com o sufixo pronominal da segunda pessoa singular, ‘tua força’.<sup>297</sup>

Wolff também entende que a transmissão do texto é bastante incerta, e sugere que **כַּח** e **הָכַח** podem facilmente ser formas corrompidas de **הָכַח**. Originalmente o texto pode ter lido **וַיִּמְחַכֵּהוּ כְּאִישׁ**, o que se encaixa no sentido do restante do versículo.<sup>298</sup> Sua tradução dessa parte é “como um ladrão fica em emboscada”.<sup>299</sup>

A tradução de Andersen e Freedman: “aqueles que ficam à espreita”<sup>300</sup>, se baseia nas seguintes considerações: a expressão **כְּהַחֵי** é difícil. O caos das versões reflete ou uma desordem antiga nos manuscritos hebraicos, ou tentativas cruas de emendar a leitura incompreensível que nós ainda temos. [...] ficar à espreita para matar pessoas se encaixa no contexto, mesmo que seja largamente um palpite. **כְּהַחֵי** parece um infinitivo construto pi'el da raiz **הָכַח**, “ficar à espreita”; a forma é próxima do infinitivo absoluto (**הָכַח** seria o construto) e a ortografia é arcaica, pois o absoluto geralmente seria escrito **הָכַח** [...] o verbo **הָכַח** normalmente significa esperar em Deus em um bom sentido, não esconder-se em emboscada com más intenções.<sup>301</sup>

Garrett se junta ao grupo dos que reconhecem uma especial dificuldade neste versículo em hebraico, e sugere como melhor tradução o seguinte: “como membros de bandos de pilhadores...”<sup>302</sup>. Ele lê a forma **הָכַחֵי** como um construto infinitivo pi'el com **י** onde normalmente se vê **ה**.<sup>303</sup> Nessa linha, McComiskey<sup>304</sup> afirma que “**וַיִּמְחַכֵּהוּ** (ficar à espera) encaixa-se no padrão do construto infinitivo pi'el de **הָכַח** com **י** no lugar do

---

<sup>297</sup> *La Bible d'Alexandrie*, p. 108.

<sup>298</sup> Wolff, *Hosea*, p. 106.

<sup>299</sup> Wolff, *Hosea*, p. 106.

<sup>300</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 432.

<sup>301</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 441.

<sup>302</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 164.

<sup>303</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 164 nota.

<sup>304</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 96.



normal ה. Essa mudança ocorre normalmente com ה e ה [...]. Já que o infinitivo construto funciona para apresentar a ação verbal no abstrato, devemos traduzir כְּחַפֵּי como “como o que fica à espreita de” [...]. É improvável que essa construção conote “como pilhadores ficam à espreita *por* um homem.”<sup>305</sup>

Segundo Macintosh “a palavra pode ser entendida como um infinitivo construto com a variante ortográfica חַפֵּי em lugar de חַכֵּה, [...] mas também, alternativamente, como uma forma participial (ou adjetival) sem o מ inicial, [...] o sentido obtido seria idêntico”.<sup>306</sup>

### Hebraico israeliano

Nyberg também vê essa forma como o infinitivo construto mas com a sugestão de que essa forma do verbo *lamed-hey* é própria de um antigo dialeto do norte.<sup>307</sup> “por um lado, a forma חַפֵּי é dificilmente distinta de uma das opções padrão חַכֵּה. Por outro, a grafia com ם em lugar de ה é única. Essa forma aponta para a retenção de ם em verbos IIIy que é característica do hebraico israeliano e aramaico.<sup>308</sup> Conclui-se que é possível ler o texto como está, se considerarmos que sua suposta anomalia deve-se a uma diferença dialetal.

---

<sup>305</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 96.

<sup>306</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 242.

<sup>307</sup> *Apud* Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 82.

<sup>308</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 83.

## 5) Oseias 7.5

יום מלִפְנֵי הַחֹלֵי שָׂרִים חֶמֶת מִיַּיִן מִשָּׁף יָרֹ אֶת-לְצַצִּים:

### Tradução literal

O dia do nosso rei, adoeceram os príncipes do calor de vinho<sup>309</sup>; ele estendeu a sua mão com escarnecedores.

### Questão textual

BHS sugere que provavelmente (frt l) חֶמֶת מִיַּיִן deva ser lido como חֶמֶתָם י'.

### Traduções bíblicas<sup>310</sup>

Bíblia Hebraica (em português): “com o calor de tanto vinho”

JPS TANACH Translation: “[E] oficiais com o veneno de vinho”.

BJ: “os chefes adoecem pelo calor do vinho”.

TEB: “os chefes adoecem pelo calor do vinho”.

ACF: “se tornaram doentes com frascos de vinho”.

ARA: “se tornaram doentes com excitação do vinho”.

NVI: “os líderes são inflamados pelo vinho”

NTLH: “que eles ficaram bêbados”.

LXX Brenton: “os príncipes começaram a se inflamar com vinho”.

LXX NETS: “os líderes começaram a ficar enfurecidos com vinho”.

### Soluções propostas

Stuart<sup>311</sup> traduz como “os oficiais estão febris com o vinho” lendo חֶמֶת em lugar do חֶמֶת do Texto Massorético. Wolff traduz “os governantes (começam) o dia do (seu)

<sup>309</sup> Ou: “adoecem pelo veneno do vinho”. *La Bible d’Alexandrie*, p. 113.

<sup>310</sup> “As versões diferem muito, refletindo o estado lastimável do texto”. Stuart. *Hosea-Jonah*, p. 116.

rei por (ficarem inflamados) com vinho...” porque entende que uma construção infinitiva (הַמֵּת) antes que um substantivo (‘comoção’) seria esperado entre הַהֶחֱלִי e מֶן.<sup>312</sup>

A tradução de Andersen e Freedman, “os príncipes, com vinho envenenado”<sup>313</sup>, se baseia nas seguintes considerações: literalmente הַמֵּת מִיַּיִן pode ser traduzido como “calor de/oriundo de vinho”. O significado de מֶן, porém, é difícil de encaixar aqui, entretanto lemos um mem enclítico [...] “calor de vinho” pode simplesmente descrever os efeitos fisiológicos e psicológicos do vinho no corpo. [...] o sentido usual de הַמֵּת, “ira quente”, pode ser reconsiderado aqui; com o verbo הַחֲלִי, o significado “veneno”, que é bem atestado, se encaixa melhor. SI 58.5 e 140.4 deixa claro que הַמֵּת pode denotar veneno de cobra. As opções aqui, calor e veneno, estão presentes também em Jó 6.4, [...] <sup>314</sup>

Garrett<sup>315</sup> traduz: “príncipes incapacitam nosso rei com vinho envenenado”. Em sua opinião “a frase הַמֵּת מִיַּיִן... é estranha porque parece ter um construto antes de uma palavra começando com a preposição מֶן. Pode ser um mem enclítico<sup>316</sup>, ou ser entendida como acusativo de causa<sup>317</sup>. Ele concorda com Andersen e Freedman quanto à palavra הַמֵּת significar ‘calor’ mas também ‘veneno’. Em suas palavras: “Visto que parece que alguém deliberadamente incapacitou o rei, é melhor entender que esse vinho era envenenado ou pelo menos que era muito potente.”<sup>318</sup>

---

<sup>311</sup> *Hosea-Jonah*, p. 114.

<sup>312</sup> Wolff. *Hosea*, p. 107.

<sup>313</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 447.

<sup>314</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 458.

<sup>315</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 166. Referindo-se ao trecho de 3 a 7, ele diz: “esse texto está sem dúvida entre os mais problemáticos na Bíblia Hebraica. A linguagem é extremamente obscura e mesmo seu ponto principal não é inteiramente claro. Não é de espantar que muitos intérpretes recorram a numerosas emendas”.

<sup>316</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 458.

<sup>317</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 260.

<sup>318</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 167.

McComiskey traduz “os líderes adoecem com o calor do vinho”<sup>319</sup>. Ele mantém o sentido mais literal argumentando que “em outros contextos essa palavra conota febre, bem como a ideia metafórica de queimar de raiva. Nesse contexto, deve referir-se à empolgação causada pelo vinho.”<sup>320</sup>

Macintosh destaca que versões antigas como LXX, Vulgata e Targum traduzem תַּמָּת por um verbo no infinitivo: ‘enraivecer’<sup>321</sup>, ‘enfurecer’ e ‘beber’, respectivamente. Consequência, segundo ele, de seu entendimento errado de תַּמָּת.<sup>322</sup>

### Hebraico israeliano

As opções de tradução das versões e comentários parecem apontar para um consenso quanto à frase תַּמָּת מִיַּיִן poder significar “calor de vinho” ou “vinho envenenado”.

Isso posto, é possível argumentar tanto que o sentido aqui é “veneno” quanto que é correto ler o texto exatamente como está, isto é, sem emendá-lo, recorrendo ao dialeto nortista.

Yoo<sup>323</sup> esclarece que “em ugarítico, a forma תַּמָּת, “veneno”, aparece em dois textos de encantamento com serpentes [...] e, na Bíblia, ocorre em outros lugares só em textos nortistas: Dt 32.24,33; Sl 58.5; 140.4; Jó 6.4.” Sendo assim, “é mais provável que a palavra תַּמָּת aqui seja substantivo feminino absoluto terminando em *-at*, sendo esse um traço de hebraico israeliano.”<sup>324</sup> Assim, tanto no nível lexical (cf. seu significado “veneno”) quanto morfológico (substantivo feminino absoluto terminando em *-at*) תַּמָּת

---

<sup>319</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 103.

<sup>320</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 105.

<sup>321</sup> “em lugar do verbo *hll* hif’il, ‘tornar doente’, pressuposto no Texto Massorético, o tradutor (da LXX) aparentemente leu a raiz *hll* hif’il, ‘começar’. Quanto a este verbo, ele serve de auxiliar ao infinitivo ‘estar em cólera’, o que representa uma tradução verbal do substantivo *hēmāh*, “calor, cólera”, que a LXX traduz frequentemente por *thumos*. *La Bible d’Alexandrie*, p. 113.

<sup>322</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 262.

<sup>323</sup> *Israelian Hebrew*, p. 89.

<sup>324</sup> Yoo. *Israelian Hebrew*, p. 89.

pode ser classificada como característica do hebraico israeliano.<sup>325</sup> Esse fato, conclui-se, torna desnecessária qualquer emenda ao texto e, dessa forma, fornece uma base mais sólida para o estabelecimento do texto original e sua consequente interpretação.

## 6) Oseias 7.14

וְלֹא-זָעַקוּ אֵלַי בְּלִבָּם כִּי יִלְלוּ עַל-מִשְׁכְּבוֹתָם עַל-דֶּגַן  
וְתִירוֹשׁ יִתְגַּדְּרוּ יִסְרוּ בִי:

### Tradução literal

E não clamaram a mim com seu coração, que dão uivos sobre suas camas; sobre trigo e vinho se ajuntam, **se rebelam**<sup>326</sup> contra mim.

### Questão textual<sup>327</sup>

BHS sugere que provavelmente (prb l) יִסְרוּ deva ser lido como יִסְרוּ apoiando-se na LXX T (S).

### Traduções bíblicas

Bíblia Hebraica (em português): “se rebelam contra mim”.

JPS TANACH Translation: “eles são infiéis para Comigo”.

BJ: “mas se rebelam contra mim”.

TEB: “é contra mim que se rebelam”.

ACF: “contra mim se rebelam”.

ARA: “mas contra mim se rebelam”.

NVI: “mas se afastam de mim”

NTLH: “Todos se revoltaram contra mim”.

LXX Brenton: (v. 15) “foram instruídos por mim”

LXX NETS: (v. 15) “foram ensinados por mim”

<sup>325</sup> Yoo. *Israelian Hebrew*, p. 89.

<sup>326</sup> Ou: “eles se desviaram de (?) mim”, cf. a *La Bible d’Alexandrie*, p. 118.

<sup>327</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 172, lembra que “de novo, o hebraico dessa seção é extremamente difícil”.

## Soluções propostas

Wolff<sup>328</sup> traduz יְסֻרֵי, do Texto Massorético, como “se retiram”, o que acha improvável como texto original, por vir antes de בִּי. Por isso, emenda revocalizando o texto consonantal, “corrigido pela G (i.e., LXX) provavelmente deve ser vocalizado como יְסֻרֵי.” Sua tradução final fica: “e são (completamente rebeldes) contra mim”.<sup>329</sup>

Stuart<sup>330</sup> também revocaliza as consoantes do Texto Massorético para יְסֻרֵי (de סָרַר, ‘educar, treinar’) chegando à tradução: “eles são teimosos contra mim”. Macintosh<sup>331</sup> explica que “em vista da preposição בִּי (contra mim) que vem logo a seguir, é preferível ler יְסֻרֵי (de סָרַר) mudando a pontuação mas não o texto consonantal (cf. a maioria dos comentaristas modernos).” Quanto a comentaristas antigos: “o יְסֻרֵי do Texto Massorético (de סָרַר) é interpretado por Ibn Ezra como ‘eles falam rebelião (סָרָה) contra mim’. E Rashi observa que os verbos סָרַר e סָרַר são muito próximos em significado.”<sup>332</sup>

A LXX, também nesse caso, tem uma tradução bem diferente, “foram instruídos por mim”. Além de ligar essa parte com o versículo seguinte, ela “provavelmente faz uma confusão com as raízes *sūr*, ‘se desviar’, e *yāsar*, ‘educar’, no nif<sup>al</sup>. É possível que com a ajuda do verbo ‘instruir’ o tradutor estabeleça uma relação com as tradições do deserto, na qual, segundo Dt 32.10, Deus educou, ou instruiu, israel.”<sup>333</sup>

Em favor de sua tradução, “eles se afastaram de mim”<sup>334</sup>, Andersen e Freedman afirmam que “esse sentido de *sūr* é apropriado; a expressão e situação exigem que *bî* seja interpretado como ‘(para longe) de mim’. *Yāšûbû*, no v. 16a, é uma palavra

---

<sup>328</sup> Wolff. *Hosea*, p. 108.

<sup>329</sup> Wolff. *Hosea*, p. 108.

<sup>330</sup> *Hosea-Jonah*, p. 116.

<sup>331</sup> *Hosea*, p. 282.

<sup>332</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 282.

<sup>333</sup> *La Bible d’Alexandrie*, p. 118.

<sup>334</sup> Andersen e Freedman. *Hosea*, p. 462.

correspondente, o outro lado da ação: eles se desviam de mim e se voltam para Baal.”<sup>335</sup> Eles concordam, porém, que é plausível a sugestão de que se leia \**yāsōrû*, do verbo סָרַר ‘rebelar-se’; “a raiz ocorre em 4.16; uma variante סָר é possível e se enquadra no vocabulário de Oseias.”<sup>336</sup>

Garrett traduz, sem justificar, o Texto Massorético como “eles se afastam de mim”<sup>337</sup>.

A ideia de afastamento também está na tradução de McComiskey, “eles afastam contra mim”. Ele considera “surpreendente que esse verbo de movimento não seja construído com uma preposição mais compatível tal como מִן; mas o conceito de *afastamento de* é inerente ao verbo, e a preposição pode acrescentar um sentido de hostilidade ao desvio do povo em relação a Deus.”<sup>338</sup>

Segundo Hubbard, “ ‘desviam-se de mim’ é uma leitura melhor para a última linha (*contra mim se rebelam*), entendendo a preposição *b* com o sentido de separação ou afastamento [...] cf. também Am 6.7 quanto à raiz *swr*, ‘afastar-se’, uma palavra-chave para designar apostasia em Is 30.11 etc.”<sup>339</sup>

A *Bíblia de Jerusalém*<sup>340</sup> explicita em nota que seguiu uma conjectura na tradução “se rebelam”, יִסְוֹרוּ, afirmando que a tradução de יִסְוֹרוּ, do Texto Massorético, é “se afastam”. A conjectura da JPS TANACH Translation é no sentido de assumir que יִסְוֹרוּ é equivalente a יִסְוֹרוּ, do verbo סָרַר.<sup>341</sup>

Outras conjecturas são propostas por Vollers, que lê יִפְרוּ, e por Wünsche, יִנְסְרוּ, ‘eles são/serão disciplinados’.<sup>342</sup>

---

<sup>335</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 476.

<sup>336</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 476.

<sup>337</sup> *Hosea, Joel*, p. 173.

<sup>338</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 115.

<sup>339</sup> Hubbard, *Oséias*, p. 153.

<sup>340</sup> BJ, p. 1593, nota *g*.

<sup>341</sup> JPS TANACH Translation. p. 1155, nota *d*.

<sup>342</sup> *Apud Macintosh, Hosea*, p. 283.

## Hebraico israeliano

Uma função central nessa questão tem o entendimento da raiz da palavra traduzida como “rebelar-se”. Por trás das emendas apresentadas e traduções resultantes estão, como vimos, as raízes סור e סרר.

Ao considerar essa questão do ponto de vista da teoria do hebraico israeliano, pode-se concluir que “*yāsûrû* não significa ‘partir’, derivada da raiz *swr* [...] com a preposição, o sentido é ‘rebelar-se’ com o verbo derivado de *srr*. A conjugação normal da raiz *srr* é *yāsôrû*. O aparecimento da vogal *-û-* é explicado pela alternância da vogal *o > u* em fenício. [...] pois “em fenício, também *a* curto muda para *o*, assim empurrando *o* mais para *u*. Essa ocorrência singular da vogal *û* em *yāsûrû* é devida à influência fenícia.”<sup>343</sup> Deve-se notar que assumir o texto como está cria a dificuldade de ter de explicar a ocorrência de ך em um verbo סרר. Isso não é possível por via da gramática do hebraico bíblico padrão, mas é possível na ótica do hebraico israeliano. De fato exatamente o “uso dessa vogal em *yāsûrû* é considerada uma característica do hebraico israeliano”<sup>344</sup>.

## 7) Oseias 7.16

ישובו לא על היו בקשת המנה יפלו בחרב שריהם  
מזעם לשונם זו לעגם בארץ מצרים:

### Tradução literal

Eles voltaram, não (para o) Alto. Eram como arco de engano; cairão na espada os seus príncipes, do furor da sua língua; **este** é o seu escárnio na terra do Egito.

<sup>343</sup> Yoo. *Israelian Hebrew*, p. 92.

<sup>344</sup> Yoo. *Israelian Hebrew*, p. 92.



### Questão textual

BHS questiona se o texto não estaria corrompido e propõe (prp l) que se leia לַעֲנִים (et desiit) לַרְיָ

### Traduções bíblicas

Bíblia Hebraica (em português): “tornar-se-ão motivo de zombaria”.

JPS TANACH Translation: “este será [o resultado de] seu falatório”.

BJ: “isso é motivo de escárnio para eles”.

TEB: “por isto se zomba deles”.

ACF: “este será o seu escárnio”.

ARA: “este será o seu escárnio”.

NVI: “E por isso serão ridicularizados”.

NTLH: “e por isso serão mortos à espada”.

LXX Brenton: “esse será seu cenário de destruição”

LXX NETS: “esse será seu desprezo”

La Bible d’Alexandrie: “tal é sua baixaza”.

### Soluções propostas

Aqui o antecedente (לַרְיָ) é masculino e se uma forma variante do demonstrativo רַי fosse de fato escrito, seria esperado רַי e não רַיָּ. Com base nisso, a pontuação recebida רַיָּ pode refletir predileção (massorética) posterior para a forma (sob influência do hebraico mishnaico onde ela é comum... sua forma breve pode ter sido um fator em sua utilização para esse propósito (isto é, introduzir oração explanatória.). A forma רַי (רַי ou רַיָּ) não é atestada nas inscrições dos séculos VIII ou VII a.C.<sup>345</sup> Mas, pelo contrário,

---

<sup>345</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 287.

as formas familiares  $\text{היא}$  e  $\text{היא}$  são achadas.  $\text{היא}$  é comum no hebraico bíblico tardio (por exemplo, em Eclesiastes e Ezequiel 40.45).<sup>346</sup>

A tradução de Andersen e Freedman, “em função da ira da língua dAquele que zombou deles”<sup>347</sup>, leva em conta que “deve-se ler  $l'g$  como um particípio. A referência exclusivamente divina de  $z'm$  sugere que essa frase é mais uma alusão a Javé, embora a zombaria de língua estrangeira desconhecida poderia ser indicada (Is 28.11; 33.19), descrevendo uma missão diplomática fracassada. [...] na frase  $zw l'gm$ ,  $zw$  provavelmente não é demonstrativo, marcando o começo de uma nova oração (como entendem muitas versões), mas como no salmo 132.12, determinativo.”<sup>348</sup>

McComiskey observa que “ $\text{היא}$  refere-se ao que veio antes no contexto, já que não há nada no contexto subsequente a que essa forma possa se referir. Esse uso é contrário à função geral do pronome demonstrativo  $\text{היא}$  do qual ela deriva”.<sup>349</sup> Consequentemente, sua tradução desse trecho é “Isso será seu escárnio...”<sup>350</sup>.

### Hebraico israeliano

“Tem sido sugerido mais recentemente que a forma do pronome feminino demonstrativo  $\text{היא}$  é um exemplo do uso dialetal nortista de Oseias (assim, p. ex. Kutscher<sup>351</sup>) [...] o familiar demonstrativo feminino  $\text{היא}$  é encontrado bem perto, em Oseias 7.10.  $\text{היא}$  (feminino) é atestado em uma das histórias de Eliseu de proveniência nortista (2Rs 6.19), embora lá a forma claramente concorde com o substantivo feminino que a segue.”<sup>352</sup>

“A forma  $\text{היא}$  é o pronome demonstrativo singular feminino do hebraico israeliano correspondente a  $\text{היא}$  do hebraico de Judá. Essa forma ocorre somente em Sl 132.12,

---

<sup>346</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 287.

<sup>347</sup> Andersen e Freedman. *Hosea*, p. 463

<sup>348</sup> Andersen e Freedman. *Hosea*, p. 479,480.

<sup>349</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 117.

<sup>350</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 114.

<sup>351</sup> *Language*, p. 31.

<sup>352</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 287.

um dos salmos do Norte. [...] como é bem sabido, זז é a forma padrão no hebraico mishnaico. Formas cognatas ocorrem em fenício e aramaico. Conclui-se facilmente que זז é um traço do hebraico israeliano.”<sup>353</sup>

Como é possível ver nos argumentos de Macintosh e Yoo (e nos autores citados por eles), temos tanto a distribuição na Bíblia Hebraica (critérios *a* e *b*) quanto a ocorrência da forma, ou sua equivalente, nas línguas cognatas (critério *c*) e o desenvolvimento da língua, o hebraico mishnaico (também critério *c*)<sup>354</sup>, como apoios para uma leitura do Texto Massorético que não exige qualquer alteração no texto recebido. Hipoteticamente, se a possibilidade dialetal estivesse disponível num período anterior da história da interpretação ou da crítica textual, muito provavelmente a emenda não teria sido sugerida.

## 8) Oseias 8.13

זָבְחֵי הַבְּקָרִי יִזְבְּחוּ בְּשֵׁר וַיֵּאכְלוּ יְהוָה לֹא הִצֵּם עֲתָה  
יִזְכֹּר עֲוֹנָם וַיִּפְקֹד חַטֹּאתֵם הִמָּה מִצָּרִים לְשׁוּבוֹ:

### Tradução literal

Sacrifícios **das minhas ofertas**, sacrificam carne, e comem; Javé não se agrada delas; agora se lembrará da iniquidade deles, e visitará os pecados deles; eles ao Egito voltarão.

### Questão textual

BHS sugere que se leia זָבַח אֲהָבוּ וַיִּזְבְּחוּ

### Traduções bíblicas:

Bíblia Hebraica (em português): “Quanto aos sacrifícios que Me elevam”.

<sup>353</sup> Yoo. *Israelian Hebrew*, p. 96,97.

<sup>354</sup> Cf. cap. III.4.

JPS TANACH Translation: “Quando apresentam sacrifícios para Mim”.<sup>355</sup>

BJ: “Eles me ofereceram em sacrifício ofertas assadas”.<sup>356</sup>

TEB: “À guisa de sacrifício, imolam carne”.

ACF: “*Quanto* aos sacrifícios das minhas ofertas”

ARA: “Amam o sacrifício; por isso, sacrificam”

NVI: “Eles me oferecem sacrifícios”.<sup>357</sup>

NTLH: “Eles me oferecem sacrifícios”.

LXX Brenton: “Pois se eles devem oferecer um sacrifício”

LXX NETS: “Portanto, se eles oferecem um sacrifício”

### Soluções propostas

Temos em **הִבְהִיבֵי** mais um caso de *hapax legomenon*.<sup>358</sup> Para Wolff, a sequência de consoantes **הבהבי** do Texto Massorético é ininteligível; segundo ele, a forma estendida (ligando o final do versículo anterior com este) da LXX preserva a reminiscência da raiz **אהב**,<sup>359</sup> daí sua tradução, com texto emendado, que resulta em **וַיִּזְבְּחוּ וַיִּהְיוּ אֹהֲבֵי זֶבַח** (ou **זִבְחֵיהֶם**), é “Sacrifícios eles amam<sup>360</sup> e sacrificam”.<sup>361</sup>

Macintosh traduz esse trecho como “em seus [de Efraim] frequentes sacrifícios”<sup>362</sup> argumentando que “é improvável que a palavra contivesse um sufixo de primeira pessoa em um versículo em que Javé é mencionado em outro lugar na terceira

---

<sup>355</sup> JPS TANACH Translation nota: “O significado do hebraico é incerto.”

<sup>356</sup> Uma nota esclarecedora na BJ: “Tradução incerta de texto difícil, talvez corrompido.”

<sup>357</sup> “Eles me oferecem sacrifícios” traduz uma frase obscura no hebraico por dedução do contexto. Polkinghorne. *Oseias*, p. 1219.

<sup>358</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 327.

<sup>359</sup> Wolff. *Hosea*, p. 133.

<sup>360</sup> A ideia de amor em relação a esses sacrifícios é reforçada pelo fato de que em parte eles eram comidos pelos ofertantes. “Durante o período pré-exílico ele era o sacrifício costumeiro em numerosos lugares de culto. O deleite em comer carne acabou superando a atenção dada às exigências pactuais de Javé”. Wolff. *Hosea*, p. 144.

<sup>361</sup> Wolff. *Hosea*, p. 133.

<sup>362</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 327.

pessoa. Daí, é necessário assumir que o ם final foi uma corrupção de um ן original feita, talvez, em conexão com outras [...] interpretações do significado da palavra [...] nota-se que o ם não é representado em nenhuma das versões antigas. O texto então é emendado para um substantivo הַבְּרָבִיּוֹ ou (como um plural abstrato) הַבְּרָבִיּוֹ ‘sacrifícios de sua (de Efraim) rapidez’ isto é, ‘seus frequentes sacrifícios’.”<sup>363</sup>

Kimchi<sup>364</sup> supõe que a palavra é derivada da raiz יָהַב (‘dar’) com reduplicação do segundo e terceiro radicais. O significado da palavra seria “ ‘minhas ofertas’ [...] isto é, as ofertas que eles avaliam ter dado a mim’ ”.

Stuart<sup>365</sup> aceita o Texto Massorético como está recorrendo a uma “clara assonância” dos sons ב, ה, ם e ן; chegando, assim, a uma tradução literal própria: “os sacrifícios, meus dons, eles sacrificaram”, reformulada mais tarde como “ofereceram sacrifícios como meus dons”.<sup>366</sup>

Rudolph “compara com a palavra árabe *hbb* com os significados ‘soprar’ ‘aspirar’ ‘anela’ ‘ser cobiçoso de’. [...] e traduz então como ‘eles oferecem sacrifícios de voraz cobiça’, lendo um substantivo הַבְּרָבִיּוֹ a que um ם teria sido acrescentado por ditografia”.<sup>367</sup>

Das muitas emendas sugeridas, “a mais amplamente adotada é a de Duhm e Marti<sup>368</sup>: אָהָבוּ וַיִּזְבְּחוּ (זָבַח(ים) אָהָבוּ ‘sacrifício(s) eles amam e sacrificam; carne (eles amam) e comem’<sup>369</sup>.

A tradução de Andersen e Freedman, “sacrifícios de meus amados eles sacrificaram”<sup>370</sup>, se baseia nas seguintes considerações: a palavra הַבְּרָבִיּוֹ além de ser

---

<sup>363</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 328.

<sup>364</sup> *Apud* Macintosh, *Hosea*, p. 329.

<sup>365</sup> *Hosea-Jonah*. p. 136. “Se o Texto Massorético é preciso, ou perto disso, o versículo toma a forma de um terceto. Sua primeira linha é gramaticalmente anormal, no interesse do mecanismo comum da assonância...”

<sup>366</sup> *Hosea-Jonah*. p. 127.

<sup>367</sup> *Apud* Macintosh, *Hosea*, p. 329.

<sup>368</sup> *Apud* Macintosh, *Hosea*, p. 329.

<sup>369</sup> Garrett (*Hosea, Joel*, p. 187, nota 28) considera que “como objeto de ‘eles sacrificam’, carne é surpreendente. Mas esse é o ponto. O que o povo supõe ser um sacrifício aceitável a Deus é, aos olhos de Javé, só carne para consumo humano.”

um *hapax legomenon*, é amplamente suspeita de estar corrompida. Ela foi provavelmente desenvolvida pela duplicação de **הב**, derivada ou de **הב**, “dar”, ou melhor, **אהב**, “amar”. Os tradutores gregos mostraram consciência de ambas as derivações possíveis, mas as dificuldades eram muito grandes para eles. Qualquer raiz poderia fazer sentido no presente contexto [...] a palavra “amor”, se está por trás de **הַבְּהָבִי**, está conectada aqui com ato sexual e os objetos de devoção. “Daí identificarmos **הַבְּהָבִי** com uma palavra para filhos amados [...] não precisamos decidir se o sentido de ato sexual ou amor familiar está por trás do uso de *'hb*. A possibilidade de que as crianças sejam tomadas como presentes (de *yhb*) permanece; cf. 2.14, em que as crianças podem ser identificadas como o *'etnâ*, ‘pagamentos’, de amantes.”<sup>371</sup>

Garrett traduz “quanto a meus sacrifícios escolhidos...”<sup>372</sup> e explica que “‘meus sacrifícios escolhidos’ é o melhor que se pode fazer com **זָבַחַי הַבְּהָבִי** pois a frase parece ser um termo técnico cultural para alguns tipos de ofertas. [...] a palavra ou significa “assado” ou algo como “amor ardente”. De qualquer forma ela parece se referir a sacrifícios que as pessoas consideravam serem especialmente queridos por Javé.”<sup>373</sup>

De forma um tanto insegura, McComiskey traduz “os sacrifícios de minhas coisas (?) amadas”<sup>374</sup>. Segundo ele, “**הַבְּהָבִי** (minhas coisas amadas) só faz aumentar a dificuldade de um texto já desconcertante. Ele pode ser um substantivo reduplicativo, ou de **יָהַב** (dar) ou **אָהַב** (amar). Seria então similar em forma ao substantivo reduplicado **צִאצִּיא** (rebento) que vem de **יָצָא** (sair). [...] Sugiro que ela é de **אָהַב** (amar) cf. a analogia da forma similarmente contraída de **אָהַבִּי** (הַבִּי) de 4.18. [...] Essas formas modificadas podem ser dialetais”.<sup>375</sup>

Hubbard opta por uma paráfrase: “Amam sacrificar: muito bem, que sacrifiquem!”. E explica que “isso envolve ler a difícil palavra *habhābay* como derivada

---

<sup>370</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 501.

<sup>371</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 510.

<sup>372</sup> *Hosea, Joel*, p. 186.

<sup>373</sup> *Hosea, Joel*, p. 186.

<sup>374</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 131.

<sup>375</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 133.

de 'hb ou de uma raiz hb, cognata, e transmitir seu significado para a palavra carne, como seu segundo objeto direto, ao lado de “sacrificar”.<sup>376</sup>

Nyberg propôs a emenda אהבהבי, ‘amor apaixonado’, p<sup>e</sup> ‘al’al da raiz אהב “amar” com uma terminação verbal abstrata -ay.<sup>377</sup>

### Hebraico israeliano

Yoo<sup>378</sup> lembra que as muitas emendas e alternativas propostas surgiram do fato de que a tradução literal que considera apenas o hebraico bíblico padrão é desajeitada. No entanto, considera também que traduções resultantes não se encaixam no contexto.

Ele recorre às considerações de J. Barr<sup>379</sup> que apontou para o uso do hebraico mishnaico הבהב “queimar, assar levemente”, sugerindo daí que הבהבי significaria “algo como ‘ofertas queimadas’”. Juntando a isso o cognato aramaico הבהב “assar”, Yoo conclui que a expressão זְבַחֵי הַבְּהָבִי “significa ‘minhas ofertas queimadas’, sendo um uso característico do hebraico israeliano”<sup>380</sup>, isto é, nada há de estranho no texto hebraico recebido se consideradas as características do dialeto de Oseias.

---

<sup>376</sup> Hubbard, *Oséias*, p. 165.

<sup>377</sup> *Apud* Yoo. *Israelian Hebrew*, p. 103.

<sup>378</sup> *Israelian Hebrew*, p. 103.

<sup>379</sup> *Comparative Philology and the Text of the Old Testament*, p. 233.

<sup>380</sup> *Israelian Hebrew*, p. 103,104.

## 9) Oseias 10.9

מִיְמֵי הַגְּבֻעָה הִטָּאתָ יִשְׂרָאֵל שָׁם עָמְדוּ  
לֹא-תִשְׁיָגְמוּ בְּגֻבְעָה מִלְחָמָה עַל-פְּנֵי עֲלֹהָ:

### Tradução literal<sup>381</sup>

Dos dias de Gibeá pecaste, ó Israel; ali permaneceram; não os alcançará em Gibeá a batalha sobre os filhos da **perversidade**.

### Questão textual

BHS nota que muitos manuscritos (mlt Mss) têm עֲוֹלָה.

### Traduções bíblicas

Bíblia Hebraica (em português): “a guerra contra os iníquos”.

JPS TANACH Translation: “por uma guerra contra canalhas?”.

BJ: “a guerra contra os filhos da injustiça”.

TEB: “o combate contra os criminosos?”.

ACF: “contra os filhos da perversidade”.

ARA: “contra os filhos da perversidade”.

NVI: “por causa dos malfeitores”.

NTLH: “essa gente perversa”.

LXX Brenton: “uma guerra contra os filhos da iniquidade”.

LXX NETS: “uma guerra [...] contra os filhos da injustiça”.

### Soluções propostas

“À primeira vista, a forma parece um erro de escrita para a palavra comum עֲוֹלָה, ‘injustiça’ e de fato alguns manuscritos leem עֲוֹלָה.”<sup>382</sup>

<sup>381</sup> Stuart. *Hosea-Jonah*, p. 166. “O texto de 9-12 é notavelmente difícil e irrecuperavelmente corrompido.”

<sup>382</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 124.



Wolff afirma que o significado literal é “filhos da injustiça”, indo pelo caminho de ver na última palavra uma metátese de עֲוֹנָה, interpretando-a em seguida como um substantivo de עוֹל I (“tratar injustamente”)<sup>383</sup>, o que leva à sua tradução final: “por causa dos transgressores”.<sup>384</sup>

“kimchi supõe que עֲוֹנָה do Texto Massorético representa, por metátese, עֲוֹלָה ‘injustiça’, e com isso parecem concordar LXX, Peshita e Vulgata.”<sup>385</sup> Stuart também pensa que עֲוֹנָה parece uma metátese de עֲוֹלָה (que ele traduz como ‘ímpios’<sup>386</sup>) e acrescenta que talvez se trate de “um desenvolvimento histórico na fala hebraica, mas mais provavelmente é um erro de cópia”.<sup>387</sup>

Shultens<sup>388</sup> compara com o árabe *glw* ‘exceder os próprios limites’, ‘ir longe demais’ e sugere a tradução ‘filhos de insolência’.

A tradução de Andersen e Freedman, “lá permaneceram [...] ao lado dos ímpios”<sup>389</sup> fica próxima da de Wolff acima e se fundamenta nas seguintes considerações: Depois de notar que trata-se de um *hapax legomenon*, dão a tradução literal “filhos de impiedade”. A emenda comum de עֲוֹנָה para עֲוֹלָה “é aceitável mas a forma encontrada em Oseias pode ser da raiz עוֹל, que resulta”, contrariando uma opinião defendida por Stuart acima, “de metátese na língua viva, não de erro de escrita; ou da raiz עלִי, desconhecida de outras passagens”.<sup>390</sup>

Garrett, “com a maioria dos intérpretes”<sup>391</sup>, entende que עֲוֹנָה deve ser uma corrupção por metátese de עֲוֹלָה, “injustiça”, e com mais uma emenda na mesma linha,

---

<sup>383</sup> Wolff. *Hosea*, p. 178, nota c.

<sup>384</sup> Wolff. *Hosea*, p. 178.

<sup>385</sup> *Apud* Macintosh, *Hosea*, p. 412.

<sup>386</sup> *Hosea-Jonah*, p. 165.

<sup>387</sup> Stuart. *Hosea-Jonah*, p. 166.

<sup>388</sup> *Apud* Macintosh, *Hosea*, p. 412.

<sup>389</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 560. “A declaração seria uma alusão ao horroroso episódio descrito em Juízes 19—21, destacando a estúpida lealdade dos benjamitas aos “camaradas ordinários” que precipitaram a crise e a carnificina sangrenta que se seguiu.” Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 565.

<sup>390</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 565.

<sup>391</sup> *Hosea, Joel*, p. 213, nota 101.

liga a expressão com a próxima linha, isso resultando na tradução: “Virei sobre um povo injusto”.<sup>392</sup>

McComiskey traduz “guerra contra os filhos da violência”<sup>393</sup> e explica que “עֲלֵה (violência) é com toda probabilidade da raiz עוּל, tendo as letras ו e ל sofrido transposição. Uma raiz עֲלִי que faria sentido nesse contexto é desconhecida. עוּלָה (violência) ocorre com עָן em quatro outras ocasiões (2Sm 3.34; 7.10; 1Cr 17.9; Sl 89.23)”.<sup>394</sup>

Hubbard traduz עֲלֵה por *perversidade* ressaltando apenas que “parece ser uma grafia pouco convencional de uma palavra hebraico-aramaica bem conhecida (‘*alwâ* em lugar de ‘*awlâ*, cf. v. 13; 2sm 3.34)”.<sup>395</sup>

### Hebraico israeliano

Uma boa indicação do que está em jogo aqui é a observação de Macintosh de que “É possível que a opinião de Kimchi (metátese), junto com o fato de que alguns manuscritos leem עוּלָה, reflita tentativas de harmonizar a linguagem (dialeto) de Oseias com a palavra mais conhecida, עוּלָה”.<sup>396</sup> Isso lembra também uma tese de Stuart, mencionada acima, sobre “um desenvolvimento histórico na fala hebraica”.

Yoo aceita uma solução proposta em *HALOT* de que a palavra עלוה aqui “deriva de \*עלה II, “agir escandalosamente”, com uma raiz cognata siríaca “agir perversamente”<sup>397</sup>. Esse dado é extremamente importante porque remete a uma provável variação dialetal, nesse caso, devida ao fator da influência de uma língua estrangeira no hebraico do Norte.

---

<sup>392</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 213, nota.

<sup>393</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 171.

<sup>394</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 172.

<sup>395</sup> Hubbard, *Oséias*, p. 190.

<sup>396</sup> *Hosea*, p. 412.

<sup>397</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 125.

Essa solução “é a mais atrativa porque deixa o Texto Massorético intacto”<sup>398</sup> ao utilizar um cognato de uma língua estreitamente relacionada.

## 10) Oseias 13.1<sup>399</sup>

כְּדַבֵּר אֲפָרַיִם רָתַת נְשָׂא הוּא בְּיִשְׂרָאֵל וַיֵּאֱשֶׁם בַּבַּעַל וַיָּמָת:

### Tradução literal

Quando falava Efraim<sup>400</sup>, **terror** levantou ele em Israel; e ele se fez culpado em Baal e morreu.

### Questão textual

BHS sugere que a forma original seria תִּוְרָתִי ou תִּוְרוֹת.

### Traduções bíblicas

Bíblia Hebraica (em português): “Quando Efraim se pronunciava, tremiam ante suas palavras”.

JPS TANACH Translation: “Quando Efraim falou piedade”.

BJ: “Quando Efraim falava, era o terror”.

TEB: “Quando Efraim falava, provocava terror”<sup>401</sup>

ACF: “QUANDO Efraim falava, tremia-se”

ARA: “Quando Efraim falava, os homens tremiam”.

NVI: “Quando falava Efraim, havia tremor”.

---

<sup>398</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 125.

<sup>399</sup> “A primeira parte do versículo é uma das passagens mais difíceis das profecias de Oseias...” Macintosh, *Hosea*, p. 518. “Problemas textuais e de tradução tornam muito difícil a compreensão do significado exato desse breve texto”. Polkinghorne, *Oseias*, p. 1225.

<sup>400</sup> Ou: “quando ele falava”, cf. a *La Bible d’Alexandrie*, p. 154.

<sup>401</sup> TEB nota: “Para este versículo difícil, poderíamos propor outra tradução: *Quando Efraim falava, tremiam...*”

NTLH: “Quando a gente da tribo de Efraim falava, as outras tribos ficavam com medo”.

LXX Brenton: “Conforme a palavra de Efraim, ele adotou ordenanças”.

LXX NETS: “Conforme relatório, o próprio Efraim recebeu estatutos”.

La Bible d’Alexandrie: “Conforme a palavra de Efraim, ele mesmo recebeu regras”.

### Soluções propostas

O caso estudado aqui também envolve um *hapax legomenon*. Esse fenômeno é, como se pode notar, fonte de dificuldades na tradução e interpretação de Oseias em especial.

LXX tem ‘preceitos’ ou ‘(auto) justificativas’, lendo  $\text{הַתְּוֹת, הַקִּיָּת}$ .<sup>402</sup> Segundo Wolff, essa opção da LXX é um erro de leitura influenciado por uma palavra mais familiar,  $\text{הַרְוֹת}$ .<sup>403</sup>

Uma outra interpretação da opção da LXX é que ela “reflete uma outra leitura do texto hebraico (talvez *tôrôt*, “leis”, por metátese de consoantes, ou *dātōt*, “editos”, por confusão do *dálet* com o *resh*) que resulta em um texto que parece fazer alusão ao dom da Lei de Moisés”<sup>404</sup>.

Stuart traduz assim: ‘de fato ele falou terror contra Efraim’<sup>405</sup>, lendo conforme a leitura das versões gregas de Áquila, Símaco e Teodocião, mais a Vulgata.<sup>406</sup>

Conforme nota Yoo, “À primeira vista, essa palavra parece uma forma variante do substantivo  $\text{טַרְסַר}$ , ‘tremor’, em Jr 49.24, mas”, ele destaca, “a alternância  $\text{ת}$  e  $\text{ט}$  é inexplicável”<sup>407</sup>.

Macintosh cita Ibn Ezra, que afirma explicitamente que a palavra é um aramaísmo e tem o significado de ‘medo’, resultando na tradução ‘quando Efraim falou

---

<sup>402</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 521. A *Bíblia de Jerusalém*, p. 1601, nota *b*, por sua vez, explica que “Em lugar de *retat*, “terror”, o grego leu *tôrôt*, “leis”; a metátese pode ser devida a uma correção antissamaritana.”

<sup>403</sup> Wolff. *Hosea*, p. 219.

<sup>404</sup> *La Bible d’Alexandrie*, p. 155.

<sup>405</sup> Stuart. *Hosea-Jonah*, p. 186.

<sup>406</sup> Stuart. *Hosea-Jonah*, p. 187, nota 13:1b.

<sup>407</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 147. Cf. também Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 629.

(lá estava) tremendo’. Ele entende, porém, que a estrutura das palavras é grosseira, não tem paralelo e é implausível.<sup>408</sup> Quanto às várias tentativas de derivar essa palavra do árabe, Macintosh avalia que a explicação mais plausível “compara com o árabe *rtt*, com o significado de ‘gaguejar’, resultando em ‘quando Efraim falou com hesitação’, [...] como criança, fazendo paralelo com 11.1 (‘quando Israel era criança...’). [...] o contexto, no entanto, não dá apoio a essa conjectura”.<sup>409</sup>

A tradução de Wolff se baseia na evidência de Qumran<sup>410</sup>, que bate com várias versões gregas, menos a LXX, conforme mencionado há pouco e diz: “Quando Efraim falava (havia) terror”<sup>411</sup>. Garrett critica essa opção dizendo que “o uso de um único substantivo como uma oração principal [...] é surpreendente.”<sup>412</sup>

A tradução de Andersen e Freedman, “ele tinha falado de forma aterrorizante contra Efraim”<sup>413</sup>, também se baseia na descoberta em Qumran como a única ocorrência conhecida da palavra תַּרְסָה fora da Bíblia Hebraica. O significado “terror” é evidente em 1QH 4.33.<sup>414</sup>

Garrett critica a tradução de Andersen e Freedman por basear-se em um reconstrução textual que “implica em um texto tão elíptico a ponto de ser quase ininteligível” e, sem muita convicção<sup>415</sup>, chega à seguinte tradução: “Quando Efraim falava, ele despertava terror em Israel”.<sup>416</sup>

McComiskey lembra que a raiz em aramaico tem o sentido de tremor, e que esse sentido complementa o conceito de exaltação na oração seguinte.<sup>417</sup>

---

<sup>408</sup> *Hosea*, p. 518.

<sup>409</sup> Macintosh, *Hosea*, p. 519.

<sup>410</sup> “A ocorrência única nos manuscritos do Mar Morto pode”, segundo Yoo, “ser considerada uma imitação consciente do versículo bíblico.” *Israelian Hebrew*, p. 148.

<sup>411</sup> Wolff. *Hosea*, p. 219.

<sup>412</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 248, nota 208.

<sup>413</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, 624.

<sup>414</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, 629.

<sup>415</sup> *Hosea, Joel*, p. 248, nota 208. “Não sabemos se um leitor antigo teria entendido תַּרְסָה com תַּרְסָה dessa forma”.

<sup>416</sup> Garrett, *Hosea, Joel*, p. 248, nota 208.

<sup>417</sup> McComiskey, *Hosea*, p. 213.

Emendas sugeridas incluem, além da sugerida pela própria BHS, a de Oort, רָעָה, “conhecimento”.<sup>418</sup>

### Hebraico israeliano

Apesar da cautela de Andersen e Freedman<sup>419</sup> quanto a רָהַת não necessariamente ser palavra aramaica, contra, por exemplo, Ibn Ezra mencionado acima, Yoo apresenta forte evidência nesse sentido.<sup>420</sup>

Em primeiro lugar, o Targum Ônqelos traduziu o רָעָה, “estremecimento” em Êx 15.15, com a palavra רָהַתָּא, “tremor”. Tanto no hebraico mishnaico quanto em aramaico, a palavra רָהַת, “tremor, chacoalhar”, é muito comum, e, além disso, há cognatos em siríaco e mandaico.<sup>421</sup>

Em resumo, os estudos atuais indicam que a palavra רָהַת, que ocorre só em Os 13.1 na Bíblia, mais a evidência cognata do aramaico e línguas próximas, é um lexema do hebraico israeliano<sup>422</sup> e, portanto, confirma o Texto Massorético.

---

<sup>418</sup> Apud Macintosh, *Hosea*, p. 521.

<sup>419</sup> Andersen e Freedman, *Hosea*, p. 629.

<sup>420</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 147.

<sup>421</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 147.

<sup>422</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 148.

## V - Conclusão

Embora a existência do dialeto nortista ainda careça de confirmação definitiva, em parte porque as fontes extrabíblicas disponíveis do oitavo e nono séculos são muito reduzidas para sustentar conclusões seguras,<sup>423</sup> procuramos demonstrar a utilidade dessa teoria nos casos selecionados para análise.

Quanto a esse ponto, o da utilidade para a crítica textual, podemos percebê-la, principalmente, na diminuição ou supressão de emendas ao texto. Os estudiosos parecem concordar que, na medida do possível, o mais correto é manter o texto como está.<sup>424</sup>

Por exemplo, só em Oseias, Harper<sup>425</sup> fez mais de 140 emendas (“correções”), texto ao qual a Bíblia Hebraica Stuttgartensia faz 200 emendas.<sup>426</sup> Considerando-se que a vocalização massorética tem um valor histórico,<sup>427</sup> ela representa um momento da língua (ou dois momentos, se considerarmos o momento dos massoretas e o momento bíblico que ela procura representar), deve sempre, por isso mesmo, ser explicada antes de abandonada, se for abandonada.<sup>428</sup>

Uma ideia mais clara da possível contribuição dessa teoria pode ser alcançada com a análise de um número maior de casos. O cruzamento de problemas textuais com traços de hebraico israeliano, como vimos, vai além dos casos estudados aqui, e o ideal seria um quadro total. Mas, pode-se perceber um padrão que surge na análise da seguinte forma:

Um problema é detectado e, de imediato, é tachado de “corrupção”, um número grande de “soluções” é proposto sem que haja critérios claros de seleção entre elas. O estudo da “anomalia” é remetido ao hebraico israeliano, língua autêntica portanto.

---

<sup>423</sup> Essa é a opinião de Hubbard, *Oseias*, p. 35.

<sup>424</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 33, assim como comentadores mais recentes, mesmo reconhecendo que o TM contém erros, prefere se basear na “fidedignidade do TM”.

<sup>425</sup> *Amos and Hosea*. ICC. Edimburgo: T. & T. Clark, 1905.

<sup>426</sup> Yoo, *Israelian Hebrew*, p. 2 e nota.

<sup>427</sup> Morag diz: “como uma fonte de informação histórica, a vocalização deve merecer séria consideração”, *apud* Groom, *Linguistic Analysis*, p. 19.

<sup>428</sup> Como diz Hurvitz: “... um estudo linguístico cujo propósito central é procurar fatos e evitar conjecturas deve basear-se sobre textos *reais* — por mais difíceis que sejam — antes que depender de textos *reconstruídos*” (*apud* Groom, *Linguistic Analysis*, p. 21).

Nesse ponto, a anomalia não é mais vista como erro. Chega-se então a uma solução que tem base na própria língua do texto.

Nesses casos, a questão em debate não deve ser mais a conjectura ou a emenda proposta mas, sim, se há uma argumentação em favor, primeiro, da existência do dialeto, e, segundo, em favor da existência do dialeto na passagem bíblica em questão.

O primeiro ponto vimos na capítulo III, e no capítulo IV, o segundo ponto.

A teoria do dialeto do Norte contribui para a solução de problemas textuais, tende a confirmar o Texto Massorético e amplia nosso conhecimento do hebraico antigo.

Num segundo momento, há um benefício indireto também para a interpretação e a Teologia Bíblica, já que a base da hermenêutica é a exegese, que por sua vez é feita sobre o texto original estabelecido pela crítica textual.



## VI - Bibliografia

ACF – versão bíblica *Almeida Corrigida fiel*. Sociedade Bíblica Trinitariana.

ARA – versão bíblica *Almeida Revista e Atualizada*. 2ed., Sociedade Bíblica do Brasil.

ARC - versão bíblica *Almeida Revista e Corrigida*. Sociedade Bíblica do Brasil.

ANDERSEN, F. I e FREEDMAN, D. N. *Hosea*, AB (Nova Iorque: Doubleday e Co., 1980).

BARR, James. *Comparative Philology and the Text of the Old Testament: With Additions and Corrections*. Eisenbrauns, 1987.

BAUER, H. e LEANDER, P. *Historische Grammatik der Hebräischen Sprache des AT* (Halle, 1922, 1962).

BEN HAYYIN, Jacob. *Biblia Rabbinica: A Reprint of the 1525 Venice Edition*. 4volumes. Jerusalem: Makor Publishing, 1972.

BERLIN, A. e BRETTLER, M. Zvi (eds.) *The Jewish Study Bible*. Oxford University Press, 2004.

Bíblia Hebraica (em português) - GORODOVITS, Davi e FRIDLIN, Jairo. *Bíblia Hebraica*. Editora Sêfer, 2006.

BJ – *Bíblia de Jerusalém*, Paulus, 2002.

BODINE (ed.) *Linguistics and biblical hebrew*, Winona Lake, Ind., 1992, 65-88.

BOTTERWECK, G. J., RINGGREN, H. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1974- .

BROTZMAN, E. R. *Old Testament Textual Criticism: A Pratical Introduction*. Baker, 1994.

BROWN, F., Driver, S. R., Briggs, C. A. (eds.) *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1957.

BUSS, M. J. “Prophetic Word of Hosea: A Morphological Study”. *BZAW* 111. Berlin.

- BUTTERWORTH, Mike. *Oseias* in *Comentário Bíblico Vida Nova*. Edições Vida Nova, 2010.
- CASTILHO, Ataliba T. *Gramática do Português Brasileiro*. Editora Contexto, 2010.
- CLINES, David J. A. (ed.) *The Dictionary of Classical Hebrew*. Sheffield, 1993-.
- COHEN, A. e ROSENBERG, A. J. *The Twelve Prophets: Hebrew Text and English Translation / With Introduction and commentary*. Rev. 2ed., The Soncino Press, 1994.
- CROSS, Frank More, e TALMON, Shemaryahu. *Qumran and the History of the Biblical Text*. Cambridge, MA/London: Harvard University Press, 1975.
- DAHOOD, M. *Proverbs and N. W. Semitic Philology*. Roma, 1963.
- DAVIDSON, B. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*. Hendrickson, 1992.
- DAVIES, G. I. *Hosea* (New Century Bible Commentary). Eerdmans. 1992.
- DEARMAN, J. A. *The Book of Hosea*. Eerdmans Publishing Co., 2010.
- DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. *Introdução ao Antigo Testamento*. Edições vida nova, 2006.
- DOUGLAS, J. D. *O Novo dicionário da Bíblia*. Vida Nova,
- DRIVER, G. R. “Linguistic and Textual Problems. Minor Prophets I” *JTS*, 39 (1938), p. 154-186.
- DRIVER, G. R. “Glosses in the Hebrew text of the OT” *OBL* I (1957), P. 123-161.
- DUBOIS, Jean et ali. *Dicionário de Linguística*. Cultrix, 2007.
- EITAN, I. “Biblical Studies I. Philological Studies in Hosea”. *HUCA* 14 (1939), p. 1-5.
- ELLIGER, K., e W. Rudolph, eds. *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1983.
- EVEN-SHOSHAN, Avraham. *A new concordance of the Old Testament*. Kiryat sefer, c1985.

- FASSBERG S. E. e HURVITZ, A. *Biblical hebrew in its northwest semitic setting*. Jerusalem, 2006.
- FLANDERS, CRAPPS, SMITH. *People of the Covenant. An Introduction to the Old Testament*. 3ed., Oxford University Press, 1988.
- FRANCISCO, E. F. *Manual da Bíblia Hebraica*. 3. ed. Edições Vida Nova, 2008.
- GARRETT, D. A. *Hosea, Joel*, New American Commentary. 19A, Broadman and Holman, 1997.
- GESENIUS, Friedrich Heinrich Wilhelm. *Gesenius' Hebrew grammar*. New York : Oxford University Press, 1980
- GORODOVITS, Davi e FRIDLIN, Jairo. *Bíblia Hebraica*. Editora Sêfer, 2006.
- GREEN, Jay P. (ed. e trad.) *The interlinear Bible, Hebrew-Greek-English*. Hendrikson Publishers, c1986.
- GARR, W. Randall. *Dialect Geography of Syria-Palestine: 1000-586 B.C.E*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2004.
- GROOM, Susan Anne. *Linguistic Analysis of Biblical Hebrew*. Paternoster, 2003.
- HALOT* (vide KOEHLER)
- HARPER, W. R. *Amos and Hosea*. ICC (Edimburgo: T&T Clark, 1905).
- HARRISON. *Introduction to the Old Testament*. Eerdmans, 1968.
- HILL, andrew E. e WALTON, J. H. *Panorama do Antigo testamento*. Editora Vida, 2006.
- HOLLADAY, William L. *Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento*. Edições Vida Nova, 2010.
- HUBBARD, David A. *Oséias*, Série Cultura Bíblica (São Paulo: Vida Nova, 1993).
- JASTROW, Marcus, *A Dictionary of the Targumim, the Talmud Babli and Yerushalmi, and the Midrashic Literature*. Hendrickson.
- JPS TANACH Translation*. in BERLIN, A. e BRETTLER, M. Zvi (eds.) *The Jewish Study Bible*. Oxford University Press, 2004.

- KELLEY, Page H. *Hebraico Bíblico: uma gramática introdutória*. Sinodal, 2000.
- KERR, Guilherme. *Gramática Elementar da Língua Hebraica*. Juerp, 1980.
- KIRST, N. et alii. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. Sinodal/Vozes, 1989.
- KITTEL, R. *Biblia Hebraica 2*, Leipzig: J. C. Hinrichs, 1913.
- KOEHLER, L. H., Baumgartner, W. (eds.), *Lexicon in Veteris Testamenti Libros = A dictionary of the Hebrew Old Testament in German and English. A Dictionary of the Aramaic Parts of the Old Testament in English and German*. Eerdmans; Leiden: Brill, 1958.
- KOEHLER, L. H., Baumgartner, W. (eds.), *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden Brill, 2001.
- KUHNIGK, W. *Nordwestsemitische Studien zum Hoseabuch*. Biblica et Orientalia 27 (Roma, 1974).
- KUTSCHER, E. Y. *A History of the Hebrew Language*. Jerusalem/Leiden, 1982.
- La Bible d'Alexandrie. Les Douze Prophetes-Osée*. Les Éditions du Cerf, 2002.
- LAMBDIN, Thomas O. *Gramática do hebraico bíblico*. Paulus, 2003.
- LXX BRENTON, *The Septuagint version of the Old Testament and Apocrypha, with an English Translation* : Zondervan, 1972.
- LXX NETS. *A New English Translation of the Septuagint*. Oxford University Press, 2007.
- MACINTOSH, A. A. *Hosea*, ICC (Edimburgo: T&T Clark, 1997).
- MCCARTHY, D. J. e MURPHY, R. E. *Hosea* in *The New Jerome Biblical Commentary*. 2ed. Geoffrey Chapman, 1995.
- MCCOMISKEY, T. W. *Hosea* in *The Minor Prophets*, 3 v., Baker Book House, 1992.

MORAG, S. "A Study of Certain Features of Old Hebrew Dialects," *Eretz Israel* 5 (1958) 138-144.

MULDER, Martin Jan, ed. *Mikra - Text, Translation, Reading and Interpretation of the Hebrew Bible in Ancient Judaism and Early Christianity*. 1988.

NAVEH, Joseph & Greenfield, J.C. "Hebrew and Aramaic in the Persian Period," 115-129 in *Cambridge History of Judaism*. Vol. 1. Cambridge: Cambridge University, 1984.

NEEF, H. –D. "Der Septuaginta-Text und der Massoreten-text des Hoseabuches im Vergleich". *Biblica* 67 (1986), p. 195-220.

NET BIBLE, *Introduction to Hosea*. Disponível em <http://bible.org/netbible/>. Acessado em 20/06/2011.

NTLH - versão bíblica *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

NVI – versão bíblica *Nova Versão Internacional*. Editora Vida, 2005.

NYBERG, H. S. "Das Textkritische Problem der Alten Testaments am Hoseabuche demonstriert". *ZAW* 52 (1934) p. 241-254.

OWENS, J. J. *Analytical Key to the Old Testament*. Baker, 1990.

PFEIFFER, R. *Introduction to the Old Testament*. Harper, 1948.

PINTO, Carlos O. C. *Fundamentos para Exegese do Antigo Testamento: manual de sintaxe hebraica*. Vida Nova, 1998.

PLAMPIN, Richard T. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. Seminário Teológico Batista do Paraná, 1997.

POLKINGHORNE, J. G. *Oseias* in *Comentário Bíblico NVI*. Editora Vida, 2009.

RAHLFS, Alfred, ed. *Septuaginta, id est Vetus Testamentum iuxta LXX interpretes*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

RENDSBURG, G. A. "A Comprehensive guide to Israelian Hebrew: grammar and lexicon", *Orient* (2003) 38.5-35.

- . *Diglossia in ancient hebrew*. American Oriental society, 1990.
- . “Israeliian hebrew in the song of songs”, *Biblical hebrew in its northwest semitic setting*. Jerusalem, 2006, 315-323.
- . “The Strata of biblical hebrew”, *Journal of Northwest Semitic Languages* 17 (1991), 81-99.
- . “Morphological evidence for regional dialects in Ancient Hebrew”, in W. R.
- . “Hurvitz redux: on the continued scholarly inattention to a simple principle of hebrew philology”, in I. Young (ed.), *Biblical Hebrew: Studies in Chronology and Typology*, Sheffield, 2003, 104-28.
- ROBERTS, Bleddyn J. *The Old Testament Text and Versions: The Hebrew Text in Transmission and the History of the Ancient Versions*. Cardiff: University of Wales Press, 1951.
- ROSS, Alen P. *Gramática do hebraico bíblico para iniciantes*. Vida, 2005.
- SAYÃO, Luiz. ed. *Antigo Testamento Poliglota*. Vida Nova, 2003.
- SCHNIEDEWIND, W. e SIVAN, D. “The Elijah-Elisha narratives: a Test Case for the Northern Dialect of Hebrew”, *The Jewish Quarterly Review*, LXXXVII, 1997, 303-337.
- SCHÖKEL, L. A.; Sicre Diaz, J. L. *Profetas I e II*. 2. ed. Paulus, 2002.
- SCHÖKEL, L. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.
- STUART, D. *Hosea-Jonah*. Word Biblical Commentary 31. Waco, Texas: Word, 1987.
- SPERBER, A., ed. *The Bible in Aramaic*. 4 volumes. Leiden: E.J.Brill, 1959-73.
- TEB – *Tradução Ecumênica da Bíblia*, Loyola, 1994.
- TOV, Emanuel, *Textual Criticism of the Hebrew Bible*. Fortress, 1992.
- TOV, Emanuel. *The Text-Critical Use of the Septuagint in Biblical Research*. Jerusalem: Simor Ltd, 1981.
- WEINGREEN, J. *Introduction to the Critical Study of the Text of the Hebrew Bible*. New York/London: Oxford University Press, 1982.

WOLFE, Gregory Alan, *Non-Judahite Dialects Within the Hebrew Bible: an avaluation of the methods and evidence*. Dissertação de Ph.D., Southern Baptist theological Seminary, 1997.

WÜRTHWEIN, E. *The Text of the Old Testament. An Introduction to the Biblia Hebraica*. Eerdmans, 1995.

YOO, Yoon Jong *Israelian Hebrew in the Book of Hosea*. Dissertação de Ph.D. Cornell University, 1999.

YOUNG, Ian. *Diversity in pre-exilic hebrew*. J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) Tübingen, 1993.

ZIEGLER, Joseph, et al., eds. *Septuaginta: Vetus Testamentum Graecum auctoritate Academiae Scientiarum Gottingensis editum*. Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1931-.

WALTKE, Bruce K., O'Connor, M. *Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico*. Cultura Cristã, 2006.

WESTERMANN, C., Jenni, E. (eds.) *Theological Lexicon of the Old Testament*. Hendrickson, 1997.

WOLFF, H. W. *Hosea*, Hermeneia (Filadélfia: Fortress Press, 1974).